



Plurais Virtual

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

**Tradução: Uma nação sob Walt:
Parques Temáticos da Disney como Santuários da
Religião Civil Americana¹**

Tradução de Lígia Maria de Carvalho *

Robert B. Pettit, Ph.D.

Department of Sociology and Social Work

Manchester College

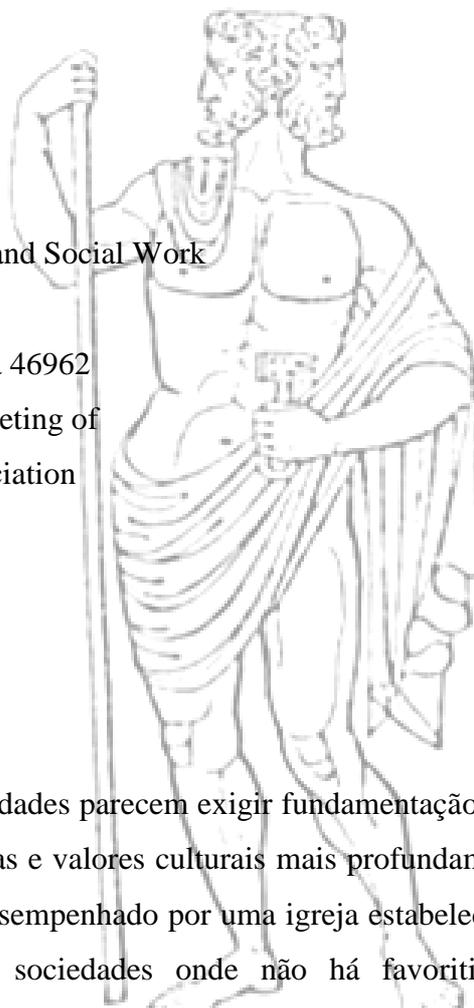
North Manchester, Indiana 46962

presented at the annual meeting of
the Popular Culture Association

1986

Atlanta, Georgia

Revised 1992



Todas as sociedades parecem exigir fundamentação religiosa para a manutenção e legitimação de suas crenças e valores culturais mais profundamente estimados. Para algumas sociedades este papel é desempenhado por uma igreja estabelecida, como o Catolicismo ou o Anglicanismo, mas, nas sociedades onde não há favoritismo entre as denominações concorrentes, essa função pode ser cumprida por uma "religião civil" que pode existir ao lado - e complementarmente - das igrejas convencionais.

¹ ONE NATION UNDER WALT: Disney Theme Parks as Shrines of the American Civil Religion. Disponível em:

https://www.academia.edu/1181176/One_Nation_Under_Walt_Disney_Theme_Parks_as_Shrines_of_the_American_Civil_Religion.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Muitos observadores da cultura estadunidense têm descrito apenas essa forma de crença como sendo o tipo comum existente nos Estados Unidos, aparecendo, por diversas vezes, identificada como uma religião genérica: o *American Way of Life* (HERBERG, 1974)², a religião da República (MEAD, 1974), um culto nacional (WARNER, 1953) ou, simplesmente, a religião civil americana (BELLA, 1967)³. Esta religião civil tem seus próprios símbolos e rituais solenes, seus próprios eventos e lugares sagrados, seus próprios profetas e mártires reverenciados. Como uma religião nacional compartilhada, fornece uma estrutura abrangente de crenças e valores (como, por exemplo, o chamado *Dossel Sagrado* de Peter Berger, 1967)⁴ que, por estar ancorada em uma realidade última, consegue unir os elementos dessa sociedade pluralista, constituída de diversos indivíduos e grupos, para torná-la unificada em uma identidade que se poderia chamar de "americana". Transcendendo fronteiras denominacionais, étnicas e regionais, a religião civil, expressa a unidade da nação.

² Will Herberg foi um teólogo judeu, pensador social e exegeta bíblico que se inseriu nas discussões teológicas levantadas pela sociologia da religião. Segundo este autor, tanto o protestantismo quanto o catolicismo e o judaísmo, praticados nos EUA, seriam variantes da mesma religião, a saber, o *american way of life*. Filho de imigrantes russos, em sua juventude, foi adepto do marxismo e, na maturidade, se tornou um religioso conservador, o que lhe proporcionou, desde cedo, o contato com pessoas de variados extratos sociais e expressões de fé (ou de falta dela). No *America's Civil Religion: What It Is and Whence It Comes*, texto publicado em 1974 (dois anos antes de seu falecimento) condensou suas considerações sobre o que chamou de "religião comum", ou seja, o *American Way of Life*. Para este autor, tal modo de vida, forneceria à sociedade estadunidense um "sentido primário global da unidade" em meio à diversidade e aos conflitos. Conquanto fosse uma estrutura de caráter espiritual, também se basearia em ideias e ideais, em aspirações e valores, em crenças e normas, que sintetizariam tudo o que se recomenda ao americano, como por exemplo: o direito, o bem e a verdade. Herberg identificou essa "religião comum" como sendo uma "espécie de puritanismo secularizado" e um fruto da classe média, que teria seu rito expresso nas práticas democráticas: no campo político houve a sacralização da Constituição; no campo econômico a livre empresa; e no campo social o discurso do igualitarismo, que impulsionou, não somente a vigorosa competição econômica, mas também a alta mobilidade. (Nota da tradutora).

³ O texto de Robert Bellah: *Civil Religion in America*, apresentado, na conferência *Daedalus* sobre a Religião Americana, ocorrida em maio de 1966 - e reimpresso com permissão do *Daedalus, Journal of the American Academy of Arts and Science* em 1967 - tomou, de empréstimo ao *Contrato Social*, o termo roussoniano "religião civil" para analisar a dimensão religiosa que permearia todo o "tecido da vida americana". Bellah observou que, mesmo com a separação entre a Igreja e o Estado não se negou à esfera política uma dimensão religiosa, ao contrário, a dimensão pública adquiriu uma feição de religião civil, uma vez que também se expressava por intermédio de um conjunto de crenças, símbolos e rituais que legitimizavam os discursos e ações em todos os níveis da vida pública. Se os dogmas da religião civil roussoniana rezavam: a existência de Deus, a certeza de uma vida futura, a recompensa da virtude e o castigo do vício, e a exclusão de intolerância religiosa, os EUA ressignificaram tais valores no endeuamento do culto à pátria; na manutenção e segurança da propriedade como um bem privado que garantiria um futuro melhor; na difusão de uma moral que geraria uma boa reputação para ações moralizantes; e no senso de obrigação para com o outro, que garantiria o cuidado com o patrimônio público e a ação social voluntária que ressoaria na esfera da piedade pessoal/institucional. (Nota da tradutora).

⁴ Lançado em 1966, *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, parece ter sido publicado no Brasil apenas em 1997. Berger, se inspirando no pensamento marxista e weberiano, ao observar a religião como produto humano, portanto, social, cultural e histórica, decifrou seu caráter mercantil, pois, para manter a si mesma, a religião necessitava afirmar seu controle por intermédio do "mercado de bens simbólicos". (Nota da tradutora).

O ensaio do sociólogo Robert Bellah sobre a "Religião Civil na América" (1967) ainda permanece como a declaração mais convincente desta tese a respeito da religião civil, mas é, principalmente, uma análise *cultural*, ou seja, Bellah identifica a existência do conjunto de algumas idéias, demonstra a sua interrelação e ilustra como se apresenta na vida americana, mas não detalha como essas idéias são institucionalmente promulgadas, transmitidas e mantidas.

A análise estrutural desse paralelo recebe, consideravelmente, menos atenção [de Bellah]. A não ser uma breve seção sobre "manifestações" [...] nada é dito sobre as estruturas sociais através das quais a "cultura" sobrevive. No entanto, é evidente que, para quaisquer idéias existirem (e certamente, também as idéias religiosas), elas devem manter posições sociais, expectativas, instituições, até mesmo leis que regulamentem a origem, a preservação, a transmissão e a revisão dessas idéias. Quais poderiam ser essas estruturas sociais no caso da religião civil da América? (HAMMOND, 1968, p. 382)

Muitos comentaristas identificaram a rede pública de ensino dos Estados Unidos como sendo a principal mensageira, uma espécie de igreja ou seminário, da religião civil norte-americana. Sucessivas gerações de crianças aprendem o seu catecismo (por exemplo, o juramento à bandeira⁵, o Hino Nacional, a iconologia de Washington e Lincoln) no decurso de horas, meses e anos necessários à formação dos alunos na escola pública e, ao fazê-lo, são treinados na verdadeira fé do americanismo.

Eu ainda incluo outro participante estrutural bastante significativo, nessa geração e propagação da religião civil americana: os parques temáticos Disney - *Disneyland* (Disneylândia) e *Walt Disney World* (O Mundo Maravilhoso de Disney). Além de proporcionarem entretenimento popular e recreação, como eles certamente o fazem, estes parques - através de suas atrações, seu layout, design e dos materiais promocionais - servem para orientar os visitantes dentro dos mitos sagrados, símbolos, rituais, história e heróis do *American Way*. Tão certo como o Monumento a Washington, o Lincoln Memorial, ou a Estátua da Liberdade, os parques são santuários da religião civil americana.

Eu não sou o primeiro a notar essa afinidade entre os parques Disney e a religião civil. Margaret Rei observa que, como a América, a cada dia, se torna mais e mais um mundo

⁵ O juramento à bandeira (*Pledge of Allegiance*) é uma cerimônia pública durante a qual se jura, em uníssono, lealdade e compromisso para com a pátria mãe, diante do estandarte nacional. Todas as séries das escolas públicas nos EUA recitam, diariamente, o seguinte compromisso: "Eu juro fidelidade à bandeira dos Estados Unidos da América e à República que ela representa, uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos". (Nota da tradutora).

de lazer, os parques Disney assumem funções anteriormente desempenhadas pelo capital nacional e os santuários religiosos (1981, p.117). A importância deles é, ao mesmo tempo, mundana e mítica e isto não apenas na capacidade de se imaginar mundos do futuro, mas também, de nos levar de volta ao nosso inconsciente coletivo. Tornam-se, com efeito, "utopias simbólicas americanas" (GOLDBERGER, 1972), a apoteose dos nossos ideais, passados e futuros.

*[...] pessoas realmente pensam neles {os parques} em termos que vão além da categoria de diversão habitual [...] como sendo um santuário nacional, monumento e museu vivo de história e símbolos americanos [...] Disneyland e Disneyworld são [...] cidades sagradas para {uso} de todos os Estados Unidos, sendo visitado por peregrinos, em um permanente estado de festa em que todos participam; ao contrário dos santuários "mortos" - religiosos e históricos - os parques agora passam a ser considerados como curiosidades e motivo de passeios, não há espectadores nos ritos Disney, há penas participantes. (KING, 1981, p. 119-121). **As palavras entre chaves são interpolações da tradutora.***

O antropólogo Alexander Moore (1980) elabora a conceituação de *Walt Disney World* como sendo um "divertido centro de peregrinação". Embora não possa ir tão longe a ponto de caracterizar o comportamento do visitante ao *Disney World*, como sendo "religioso", ele, no entanto, compara *Disney World* à Meca, à Lourdes, e ao santuário de Fátima:

*[...] [O] centro de peregrinação é um local circunscrito, separado das cidades comuns {e que, justamente por isto} delinea como sendo peregrino tanto o que percorre grandes distâncias, quanto o que vem das imediações. {Tal centro} deve ter: um lugar de congregação; alguns símbolos visíveis e facilmente compreendidos pelos peregrinos congregados; atividades comuns (muitas vezes conduzidas em massa) e mitos que os outros elementos (locais, símbolos e atividades) evocam; estes mitos são de narrativas amplamente conhecidas. A peregrinação [a tal centro] intensifica as ligações entre as pessoas dispersas que compartilham uma "orientação mítica, histórica e cultural comum a todos". (1980, p. 208-210). **As palavras entre chaves são interpolações da tradutora.***

Michael Real (1977), pesquisando os visitantes da Disneylândia, perguntou aos entrevistados quais as virtudes pessoais, os conceitos e doutrinas que eles, especialmente, aprovavam nas apresentações dos parques Disney. Um conjunto de respostas listou vários

aspectos do americanismo: "América", "todos os Americanos", "Deus e o país", "o sonho americano", "nacionalismo", "patriotismo", "democracia", "capitalismo", "torta de maçã" e "torta de maçã da mamãe". Um entrevistado resumiu bem a função integradora da religião civil em sua definição de Disneylândia, que seria "uma instituição americana que liga os americanos em uma experiência comum" (REAL, 1977, p. 75). Real comenta sobre suas descobertas:

*As respostas ao questionário indicam que as representações da ética Disney parecem servir à "religião civil" americana, ao combinar as heranças ancestrais dos teocratas Puritanos com a dos Pais Fundadores republicanos [...] O universo Disney oferece uma extraordinária fonte de ênfases sobre a vida, as pessoas e a sociedade. A moralidade apresentada na Disneylândia se reflete, mais notadamente, no credo da religião civil e nos personagens mais antigos do panteão mitológico americano; {também aparece} no cânone de "bom" comportamento Puritano, socialmente aprovado, e no de seus opostos; {semelhantemente, aparece} no culto, o costumeiro ritual da comunhão, que se conecta à mais elevada forma de religião civil nacional, disponibilizado aos participantes através de programas de televisão, filmes, histórias em quadrinhos, parques, e meios de comunicação similares [...] Como num jogo de moralidade e de seculares valores americanos, a Disneylândia utiliza o entretenimento, a educação, a mitologia e a utopia para tipificar, fortalecer e difundir a visão idealizada de americano patriótico, de nação e de mundo, de passado, presente e futuro (1977, p. 76). **As palavras entre chaves são interpolações da tradutora.***

Embora a contribuição dos parques Disney para religião civil americana tenha sido observada por estes e outros pesquisadores, não houve nenhuma análise detalhada de como os esses parques têm desempenhado tal papel. Este ensaio pretende iniciar a análise, buscando afinidades eletivas entre os temas da religião civil e as experiências, cuidadosamente estruturadas, na Disneylândia e no *Disney World*.

Religião Civil Americana

Antes de examinarmos os dados dos parques temáticos, deixe-nos resumir os principais símbolos e temas da religião civil americana (ver BELLAH, 1967) que estaremos procurando em nossas explorações pelos parques. O Deus da religião civil é, ao contrário,

"unitário" muito mais relacionado à ordem, à lei e à direita do que à salvação (Jesus Cristo é raramente mencionado, se é que o fazem alguma vez), e esse Deus está ativamente interessado e envolvido na história, com uma especial atenção voltada para os estadunidenses. O povo norte-americano é considerado o Novo Israel de Deus e o território nacional, a sua Terra Prometida; a Europa é configurada como o Egito e a Revolução o Êxodo. Washington é seu Moisés. A Declaração de Independência e a Constituição são as suas escrituras mais sagradas. Com a Guerra Civil, um novo tema de morte, de sacrifício e de renascimento se insere na religião civil, simbolizada na própria vida e morte de Lincoln, claramente expressa no *Gettysburg Address*⁶, documento este, que passou a ser o Novo Testamento entre as escrituras civis. Dentre os santuários sagrados os mais proeminentes são: o Monumento a Washington, o Lincoln Memorial, a Estátua da Liberdade e o Cemitério Nacional de Arlington. Nas datas sagradas se inscrevem: o Quatro de Julho, o *Memorial Day*⁷, os aniversários de Washington e Lincoln (e agora, possivelmente o de Martin Luther King) e o dia de Ação de Graças. Seus santos incluem: Washington, Jefferson, Franklin, e Lincoln; seus heróis populares: Davy Crockett, Mark Twain e Will Rogers. Sua virtuosa teologia celebra a democracia, a liberdade, o igualitarismo, o pluralismo, o pragmatismo, o individualismo, o otimismo, o dinamismo, a religião, a educação, o saneamento, a tecnologia e o sistema de livre iniciativa (não necessariamente nessa ordem) (ver McGUIRE, 1981, P.152 e HERBERG 1974, p. 79). Acima de tudo, a religião civil sacraliza a simbólica expressão da unidade nacional - como se pode ver, por exemplo, na frase mântica "uma nação sob Deus, indivisível", ou no ícone totêmico da bandeira americana - e, assim, atrai as pessoas para uma

⁶ O *Discurso de Gettysburg (The Gettysburg Address)*, proferido por Abraham Lincoln, em 19 de novembro de 1863, é um dos documentos mais conhecidos da história estadunidense. Foi pronunciado no ato da dedicação do cemitério nacional (destinado aos soldados mortos no combate ocorrido em Gettysburg, Pensilvânia) quatro meses e meio após o exército da União derrotar o contingente Confederado na Batalha de Gettysburg. Lincoln aproveitou a ocasião para redefinir a Guerra Civil como sendo, não apenas, a luta que preservou a integridade da União, mas também como o alicerce da igualdade humana defendida na Declaração de Independência. Também asseverou que "a obra inacabada" dos que ali repousavam não cairia no esquecimento, porque, a sua "última medida de transbordante devoção" resultaria em "um novo nascimento da liberdade". Assim, ao imortalizar o sacrifício daqueles que imolaram sua existência em Gettysburg, estabeleceu uma forte conexão com os vivos ali presentes, a saber, com os virtuosos ouvintes os quais seriam os responsáveis pela garantia da sobrevivência da democracia representativa americana, pois, "o governo do povo, pelo povo e para o povo, não deve desaparecer da terra". (Nota da tradutora).

⁷ *Memorial Day* é um feriado nacional dos Estados Unidos, que ocorre sempre na última segunda-feira do mês de maio. A comemoração desta data tem a finalidade de rememorar e homenagear a todos os homens e mulheres que tiveram as vidas ceifadas em combates estando a serviço das Forças Armadas. Muitas pessoas aproveitam o dia para visitar cemitérios e memoriais, e os voluntários costumam colocar o estandarte nacional em cada uma das sepulturas. Anteriormente conhecido como *Decoration Day*, a origem do feriado remonta à Guerra Civil norte-americana, uma vez que foi criado, tanto para comemorar a vitória da União quanto para honrar os soldados mortos no conflito. (Nota da tradutora retirada da wikipedia).

comunidade nacional, que ao mesmo tempo incorpora e transcende a soma de suas partes constituintes.

Agora vamos examinar os parques Disneylândia e Disney World, perguntando se estes símbolos e temas da religião civil são evidentes neles e se houve uma incorporação significativa e, em caso positivo, de que maneira poderiam ser qualificados como santuários nacionais.

Disneylândia: no ato de criação

Para explorar o lugar da religião civil nos parques Disney, devemos voltar ao início, à data de 17 de julho de 1955, o dia da inauguração da Disneylândia⁸. Oficializando o "registro inicial da Disneylândia," a ABC-TV fez a cobertura da cerimônia de abertura com a transmissão ao vivo do evento e, como se pode ver, a influência da religião civil tem permeado os parques Disney desde a sua estreia. Cuidadosamente orquestrada, a transmissão retratou o evento como sendo mais do que a simples a abertura de uma empresa comercial de entretenimento, camuflando essa religião civil, no simbolismo da linguagem patriótica, militar e religiosa.

A escolha, presciente e certa, de utilizar o ator hollywoodiano Ronnie Reagan⁹ para atuar como coanfitrião da cerimônia de abertura foi genial, e vale observar que, tempos depois, ele se tornou um animador de torcida ainda mais visível quando se transformou no sumo sacerdote do americanismo (atuando, não só como Presidente dos EUA, mas também, como um *Audio-Animatron*¹⁰ no Salão dos Presidentes). Algumas autoridades se apresentaram, junto a Walt Disney, na *Town Square*¹¹ (*Main Street*¹², EUA) para realizarem a

⁸ Disneylândia foi o primeiro parque temático concebido por Disney. Situado em Anaheim, próximo a Los Angeles, na Califórnia, estava fracionado em quatro grandes eixos, com as respectivas subdivisões, aos quais chamou de "terras": *Adventureland (Terra da Aventura)*, *Frontierland (Terra da Fronteira)*, *Fantasyland (Terra da Fantasia)* e *Tomorrowland (Terra do Amanhã)*. A cobertura completa do evento de inauguração, feita pela ABC Broadcast, está disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuzrZET-3Ew>. Acessado em 26/05/2014 às 15h 45min. (Nota da tradutora).

⁹ Ronald Reagan. (Nota da tradutora).

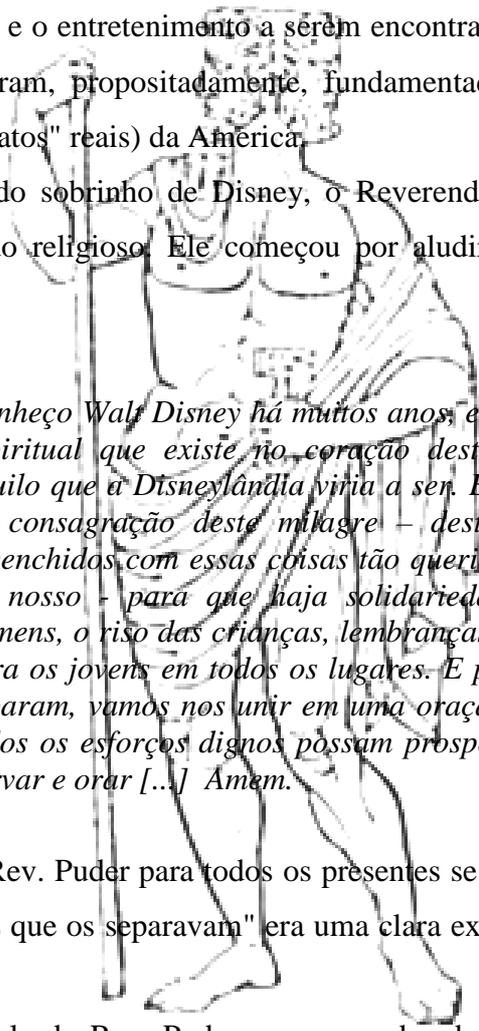
¹⁰ A *Walt Disney Imagineering*, responsável pelas inovações tecnológicas, criou uma espécie de robô articulado, com feições humanas, que se movia - embora não caminhasse, por ser fixo ao solo - e que falava por intermédio de sons pré-gravados. O primeiro dos audio-animatronics foi feito à imagem do presidente Lincoln para ser exibido em uma feira de tecnologia. (Nota da tradutora).

¹¹ *Town Square* é a praça, o espaço público aberto, destinado a abrigar as reuniões da comunidade. Comumente situada no centro de uma cidade tradicional, também recebe outras funções, como: centro cívico, praça de lazer, praça de mercado, locais de realização de shows musicais, comícios etc.

solene cerimônia de dedicação do parque. Eram eles: o governador da Califórnia, o prefeito de Anaheim, três capelães militares que representavam, não apenas, os três diferentes ramos das forças armadas, mas também, os Protestantes, os Católicos Romanos, e os da crença judaica (Will Herberg teria adorado!) e também um sobrinho¹³ de Walt Disney - um clérigo.

Primeiramente, Walt leu a placa da dedicação da Disneylândia, deixando clara a inspiração e o objetivo de seu parque: "Disneylândia é dedicada aos ideais, aos sonhos, e aos fatos que criaram América [...] como espero que ela seja uma fonte de alegria e inspiração para o mundo". A fantasia e o entretenimento a serem encontrados nesses parques não foram criados ao acaso, eles foram, propositadamente, fundamentados nos ideais, sonhos, e na história mítica (não "nos fatos" reais) da América.

Então, a fala do sobrinho de Disney, o Reverendo Glen D. Puder, modelou a ocasião em um significado religioso. Ele começou por aludir à "motivação espiritual" na fundação da Disneyland:



Conheço Walt Disney há muitos anos, e sou consciente, da motivação espiritual que existe no coração deste homem que ousou sonhar aquilo que a Disneylândia viria a ser. Então, vamos nos juntar a ele, na consagração deste milagre – destes acres de terras a serem preenchidos com essas coisas tão queridas ao seu coração e também ao nosso - para que haja solidariedade e boa vontade entre os homens, o riso das crianças, lembranças para os adultos, e aspiração para os jovens em todos os lugares. E para além dos credos que nos separam, vamos nos unir em uma oração silenciosa, para que este e todos os esforços dignos possam prosperar na mão de Deus. Vamos curvar e orar [...] Amem.

O convite do Rev. Puder para todos os presentes se unirem em um ritual do culto que transcendia "os credos que os separavam" era uma clara expressão da função integradora da religião civil.

Logo após a fala do Rev. Puder, o governador da Califórnia, Goodwin Knight, anunciou ao microfone, o hasteamento da bandeira e suas declarações não deixam nenhuma dúvida de que a ocasião era uma celebração a Deus e ao país, bem como à livre iniciativa:

¹² *Main Street* é o termo habitualmente utilizado, nos EUA, para designar o nome genérico da rua principal de uma cidade (e muitas vezes o nome oficial). Geralmente é o ponto central, o local onde as lojas e os negócios se estabelecem. (Nota da tradutora).

¹³ Neil Gabler, em seu livro *Walt Disney: o triunfo da imaginação americana* (2012), comenta que o sobrinho clérigo de Disney - o reverendo Glenn Puder - ao qual Robert Pettit se refere, era, na verdade, o esposo de Dorothy, a filha de Herbert Arthur Disney, o irmão mais velho de Walt. (Nota da tradutora).

Obrigado, Ronald Reagan! Sr. e Sra. Disney, reverenciado clérigo e meus compatriotas americanos: Hoje é um dia maravilhoso, e toda a América se orgulha ao abrimos a Disneylândia. Esta é uma comunidade maravilhosa [...] tal qual sua cidade natal [...] todos construídos pelo trabalho e pelo capital americano sob a crença de que este é um país temente ao Deus amoroso. E agora, ao reverenciamos a bandeira, nós o fazemos conscientes de que somos afortunados por estarmos na América, e que estendemos a todos, em todos os lugares, os grandes ideais do americanismo: fraternidade, paz na terra e boa vontade para com os homens.

Houve um rufar de tambores e a Banda de Música da Marinha norte-americana tocou “*The Star Spangled Banner*”¹⁴, os quatro militares uniformizados – representando o Exército, a Marinha, a Força Aérea, e o Corpo de Fuzileiros Navais - içaram a bandeira e a saudaram. Um *Colour Guard*¹⁵ dentre, pelo menos, uma dúzia de outros soldados uniformizados estava em posição de sentido. Quando as últimas notas do hino nacional ecoaram na praça, Ronnie Reagan chamou a atenção dos telespectadores para a formação dos aviões, *146th Fighter Wing Interceptor*, pertencentes à Guarda Aérea Nacional, do estado da Califórnia, que sobrevoavam o local em saudação ao governador Knight, à Disneylândia, e, presumivelmente, à República para qual se mantinham a postos.

O breve comentário do Governador Knight contém nada menos do que nove referências: "América", "Americanos", "americanismo", "neste país" e "esta bandeira", lembrando insistentemente ao seu público de que – não nos esqueçamos - este país é "temente a Deus" e a um "Deus-amor". As denominações que poderiam dividir, mas, que ao contrário se uniam nessa empresa favorecida, não eram formadas por protestantes, católicos e judeus, mas sim pelo Capital e o Trabalho, unidos sob a crença de que o nosso país é piedoso. Desta maneira, estavam a Santíssima Trindade, o País, e o Sistema de Livre Iniciativa consagrando a Disneylândia. Nós, os norte-americanos, somos "afortunados", diz ele, o Povo Escolhido e,

¹⁴ *The Star-Spangled Banner* (A Bandeira Estrelada) é o hino dos EUA. (Nota da tradutora).

¹⁵ Nas organizações militares, *Guarda Cor* (ou protetor de cor) refere-se a um destacamento de soldados designado a proteger o estandarte com as cores regimentais. Historicamente, o exercício dessa função era de suma relevância, pois, poderia definir a vitória ou a derrota na batalha, uma vez que, em meio ao caos de poeira e fumaça, seguir a correta direção da bandeira com as cores regimentais poderia definir a vida e a morte. Daí a preocupação em guardar o pavilhão para evitar que o inimigo usurpasse tal símbolo. (Nota da tradutora).

através da Disneylândia, nós devemos compartilhar o nosso favor divino e o zelo missionário, estendendo-os "a todos, em todos os lugares, os grandes ideais do americanismo".

Após o hasteamento da bandeira o desfile pela *Main Street* começou, sendo liderado por um *Color Guard* das quatro Forças Armadas e do Corpo Banda da Marinha dos EUA. Entre as personalidades em destaque no desfile havia mais um governador estadual: Frank Clement, do Tennessee. Acompanhando a parada, os atores Fess Parker e Buddy Ebsen apareceram montados em cavalos, exibindo os trajes de camurça de seus respectivos personagens Davy Crockett e George Russell, os míticos heróis americanos construídos por Disney que, vagamente baseado em fatos reais, contava nas telas, as aventuras desses homens da fronteira. A única representação dos nativos americanos durante as festividades, ficou a cargo de um falsificado bando de dançarinos indígenas interpretados pelos Escoteiros da América (*The Orange Empire Council*)¹⁶. Quando, mais tarde, a parada alcançou a entrada da *Tomorrowland*, outro grupo de escoteiros estava a postos. Entre as bandeiras dos 48 estados, havia uma banda de escoteiros, os *Eagle Scouts* tocando: "Esses meninos", sorriu o narrador, "representam os cidadãos do futuro" – acólitos da fé hoje, completos comungantes amanhã.

A expressão religiosa e patriótica tão evidente na celebração da abertura deste parque de diversões é intrigante, até mesmo surpreendente. Na sociedade, a economia é possivelmente, um dos setores mais secularizados do mundo moderno e nós dificilmente esperaríamos que tais acontecimentos se repetissem nas cerimônias de inauguração de uma nova *Safeway*¹⁷, por exemplo, ou de uma *GM plant*¹⁸ - e menos ainda – de um *Wet'n Wild Water Park*¹⁹. Mas Disneyland era - e ainda é - diferente. O Governador Knight chamou-a de

¹⁶ Aliás, também havia poucos negros visíveis durante todo o processo de transmissão televisiva. Mesmo com os recursos de repetição de cenas, de congelamento de imagens, de avançar e retroceder a fita de vídeo, e de digitalização, eu pude encontrar apenas cinco negros entre os 33.000 visitantes presentes naquele dia: Sammy Davis Jr., que dirigia um carro em miniatura Autopia, vindo logo atrás da de Frank Sinatra; um casal de adultos, em meio à multidão, assistindo ao desfile na rua principal; e, perto do *Mark Twain Riverboat* atracado, um menino negro com a Tia Jemima (no traje característico e identificado como tal) dançando diante banda de jazz *Dixieland*, toda de branco. Isso não inclui cinco homens brancos vestidos com collants pretos, tangas e penas, posando no desfile como nativos do *Adventureland*.

¹⁷ *Safeway Incorporation* é a segunda maior cadeia de supermercados na América do Norte (perdendo apenas para *The Kroger Company*). Possui aproximadamente, 1.678 lojas espalhadas por todo o centroeste dos Estados Unidos, noroeste do México e oeste do Canadá. A empresa está sediada em Pleasanton, Califórnia. (Nota da tradutora).

¹⁸ *GM plants*, é o termo utilizado para designar os alimentos transgênicos - os organismos geneticamente modificados em laboratórios - cultivados para consumo humano ou animal, utilizando as mais recentes técnicas de biologia molecular. (Nota da tradutora).

¹⁹ *Wet'n Wild* é uma marca internacional de parques aquáticos criada em 1977, por George Millay em Orlando. Com seu crescimento ao longo dos anos, diversas companhias construíram novos parques e expandiram o nome *Wet'n Wild* ao redor do mundo, tornando-a a marca mais popular de parques aquáticos do mundo. (Nota da tradutora).

uma "comunidade [...] tal qual sua cidade natal." Obviamente, esta não é uma comunidade no sentido habitual do termo, mas ele assim o fez - e ainda o fazem - buscando simbolizar e celebrar os aspectos valiosos da nossa comunidade nacional, assim, desde o primeiro dia, parece que as pessoas têm se empenhado muito para levar essa comunidade a sério. Na medida em que a religião pode ser entendida, em parte, como uma "metáfora que se destina" (BATESON, 1972), no que se refere a Walt Disney e seus parques, foi muito mais uma "metáfora do que foi feito".

De acordo com os materiais promocionais lançados ao longo dos anos, pela corporação Disney, os *Magic Kingdoms* (*Reinos Mágicos*) são os lugares que mais claramente refletem o que foi "o homem Walt Disney e as coisas que ele considerava de valor - as maravilhas da natureza, as fantasias da infância e o espírito da América, com a nostalgia do passado e a fé no futuro" (*The Magic of Walt Disney World*, 1972). Os parques são "terra[s] de inspiração, onde o ontem ainda vive, e o amanhã já está aqui", "vivenciar os monumento[s] para acreditar que os sonhos podem se tornar realidade" (*The Magic of Disneyland*, 1969). Uma inscrição colocada sobre a entrada da Disneylândia anuncia aos visitantes que passam abaixo: "Aqui você sai do hoje e entra no mundo do ontem, do amanhã e da fantasia"²⁰. Ou, como o próprio Walt Disney disse, "Eu não quero que o público veja o mundo em que vivem, enquanto estiverem dentro do Parque. Eu quero que eles sintam que estão em outro mundo" (*Walt Disney World: The First Decade*, 1982, p. 17). O mundo profano do aqui e agora, da rotina, do normal, é, portanto, temporariamente suplantado pelo efeito da admiração, do espanto inspirador, do outro mundo do sagrado - as terras de valor inestimável.

Dentro dos *Magic Kingdoms* (*Reinos Mágicos*) estão simbolizados os períodos mais significativos da história norte-americana e do imaginário nacional. *Main Street* e *Town Square* são idealizações utópicas, feitas por Disney, do meio-oeste estadunidense na virada do século XIX, e fazem alusão ao passado de uma cidade pequena, encenando os velhos tempos como se fossem melhores do que realmente foram²¹. Esses locais evocam, não apenas, uma era em que uma forma de comunidade foi dominante nos EUA - a pequena cidade (MOORE,

²⁰ Conforme MOORE (1980, p. 209): "Os peregrinos deixam suas casas; a sua viagem ao centro de peregrinação é longa separação de suas vidas cotidianas. Eles entram nos recintos sagrados [...]".

²¹ Neil Gabler (idem) comenta que a paixão de Walt por miniaturas era tamanha, que ele construiu uma cidade minúscula - inspirada nas idealizadas memórias de Marceline, no Missouri, a amada cidade de sua infância - à qual exibiu em caixas por todo o território nacional. Tal *Lilliput* de Walt serviu de inspiração, quiçá de maquete, para a construção da Disneylândia, inclusive, fornecendo a escala para as edificações. (*Nota da tradutora*).

211) - mas também, a época em que um grupo étnico-religioso ainda era culturalmente dominante na nação - o branco Protestante anglo-saxão.

*Liberty Square*²² e *Frontierland (Terra da Fronteira)* recapitulam os mitos heróicos da história americana: o nascimento da nação e a constante atração, tanto geográfica quanto psíquica, exercida pelo homem da fronteira.

Adventureland (Terra da Aventura) simboliza "a fronteira romântica do mundo Ocidental desde o século XVII" (MOORE, p. 212), pois, os locais de florestas escuras e selvagens, como os da África e Ásia, sempre serviram para testar a racionalidade, a força de vontade e o caráter daqueles que habitavam as extensões de terras coloniais formando assim, a civilização ocidental sob o poder imperial e a fé religiosa.

Tomorrowland (Terra do Amanhã), otimista, celebra a cidade utópica do futuro, cuja salvação está na tecnologia corporativa, e prevê a eventual realização de anseios da humanidade para chegar até aos céus, e tocar a face de Deus, também através da tecnologia.

As atrações do *Fantasyland (Terra da Fantasia)*, são renarrativas de arquétipos moralistas, tomados de empréstimo da velha Europa, porém, americanizados e infantilizados pelo toque de Disney²³.

Cada uma dessas terras temáticas, à sua maneira, procura arrebanhar todos os visitantes – por intermédio das experiências coletivas - com o propósito de fazê-los vivenciar e participar desses mitos comumente compartilhados nas narrativas americanas. Muitos elementos, dos parques temáticos da Disney, poderiam ser analisados, levando-se em conta, as suas contribuições para a religião civil, mas, há duas atrações em particular, que ocupam uma posição notoriamente destacada no que se refere aos santuários do patriotismo: o Salão dos Presidentes, na Praça da Liberdade do *Magic Kingdom*, e o teatro denominado *The*

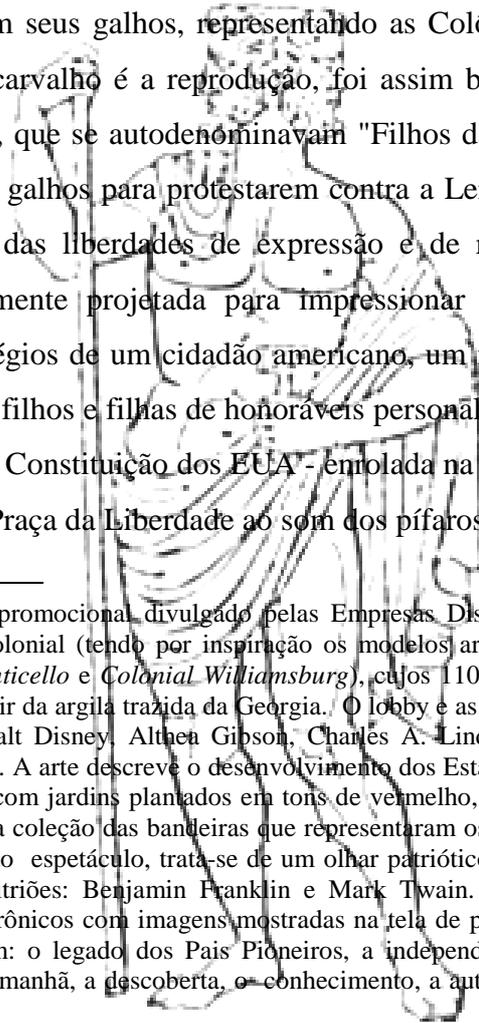
²² *Liberty Square (Praça da Liberdade)* faz parte de uma das sete "terras temáticas" de Disney, e é exclusividade do *Magic Kingdom* situado no *Walt Disney World Resort*, às margens do *Lago Buena Vista*, Flórida. A Praça apresenta temas da América Colonial, onde podem ser vistas as réplicas do *Liberty Bell (Sino da Liberdade)* e da *Liberty Tree (Arvore da Liberdade)*. (Nota da tradutora).

²³J. Richard Singleton, em seu livro *Walt Disney And The Facsimile of Reality* (2011) analisa que a infância prolongada - que ele denomina de "culto da infância" - é uma invenção relativamente nova, pois é fruto da urbanização e dos tempos de prosperidade nos EUA. Como a gente miúda já não necessita contribuir para o sustento familiar, a única obrigação que pesa sobre ela é o trabalho de "ser criança". Assim, removidas as cobranças da vida, a garotada fica menos susceptível de ser expostas ao sexo e à violência na tenra idade. "Se os contos de fadas eram dispositivos de preparação para ensinar às crianças o que esperar como homens e mulheres (casamento, parto, trabalho, velhice), tais dispositivos não são mais necessários. De fato, seria um contra senso para Disney encorajar as crianças a crescerem, uma vez que elas são os consumidores mais ávidos da empresa. Esta é a forma como imagens bonitas têm precedência sobre história, e os contos de fadas não são mais sobre como preparar as crianças para a realidade, mas, para protegê-las dessa realidade". (Nota da tradutora).

American Adventure (A Aventura Americana), no Pavilhão Americano²⁴ em *World Showcase (Amostras do Mundo)*, EPCOT.

O Hall dos Presidentes

No coração do *Magic Kingdom* está a Praça da Liberdade, evocando o espírito de 1776 - as Treze Colônias às vésperas da independência. Crescendo, orgulhosamente, na vila verdejante, se encontra o portentoso Carvalho da Liberdade (*Liberty Tree*²⁵) com treze lanternas penduradas em seus galhos, representando as Colônias. A Árvore da Liberdade original, da qual o atual carvalho é a reprodução, foi assim batizada em Boston no ano de 1765, quando os patriotas, que se autodenominavam "Filhos da Liberdade", realizavam suas reuniões sob os frondosos galhos para protestarem contra a Lei do Selo, fazendo-a se tornar, assim, um símbolo vivo das liberdades de expressão e de reunião. No parque, em uma cerimônia diária, devidamente projetada para impressionar os jovens visitantes com as responsabilidades e privilégios de um cidadão americano, um menino e uma menina sempre são escolhidos para serem filhos e filhas de honoráveis personalidades da República. Cada um deles recebe uma cópia da Constituição dos EUA - enrolada na forma de um cilindro de papel – e ambos marcham pela Praça da Liberdade ao som dos píafaros e tambores do *Drum Corps*²⁶,



²⁴ De acordo com o material promocional divulgado pelas Empresas Disney, o Pavilhão Americano é uma mansão construída no estilo colonial (tendo por inspiração os modelos arquitetônicos do *Independence Hall*, *Boston's Old State House*, *Monticello* e *Colonial Williamsburg*), cujos 110 mil tijolos utilizados na construção foram todos feitos à mão, a partir da argila trazida da Georgia. O lobby e as salas são revestidos com citações de notáveis americanos, como Walt Disney, Althea Gibson, Charles A. Lindbergh, Ayn Rand, Thomas Wolfe, Wendell Wilkie e Jane Addams. A arte descreve o desenvolvimento dos Estados Unidos. O *American Pavilion* é todo devotado ao patriotismo, com jardins plantados em tons de vermelho, branco e azul. Na entrada do teatro *American Adventure*, vê-se uma coleção das bandeiras que representaram os Estados Unidos durante o curso de sua história. No que se refere ao espetáculo, trata-se de um olhar patriótico sobre os conceitos fundamentais à nação, apresentados pelos anfitriões: Benjamin Franklin e Mark Twain. O show de, aproximadamente, 22 minutos combina áudio-animatrônicos com imagens mostradas na tela de projeção. Existem 6 estátuas de cada lado do teatro que representam: o legado dos Pais Pioneiros, a independência, a compaixão, a liberdade, o individualismo, a inovação, o amanhã, a descoberta, o conhecimento, a autossuficiência e a aventura. (Nota da tradutora).

²⁵ A Árvore da Liberdade original era um olmo imponente, que servia como ponto de encontro para as atividades pré-revolucionárias. O espaço aberto sob seus ramos foi chamado de "*Liberty Hall*", e entre seus galhos, foi colocado um mastro no qual pendia uma bandeira içada como um símbolo para a nação. Inúmeras charges e versos inflamados foram pregados ao seu tronco, assim como, a efígie de muitos *Tories* (conservadores) pendurados em seus ramos. Talvez o seu momento de maior orgulho tenha sido a revogação do Ato do Selo quando inúmeras lanternas brilharam entre os ramos para que todos pudessem ver. (Nota da tradutora).

²⁶ O *Drum Corps* é uma organização civil estadunidense, com ramificações internacionais, que tem a finalidade de proporcionar aos jovens, a oportunidade de - através da música voltada para a percussão de marcha, do condicionamento físico, do desfile coreografado, das técnicas de instrumentos, da dança, etc. - "evolúem como cidadãos" e, nas próprias palavras do grupo, "se tornarem seres humanos completos e melhores, que façam diferença na sociedade e comunidade onde vivem, tornando-se multiplicadores de valores para edificarem uma sociedade melhor". A corporação tem como valores: "o respeito ao ser humano e às diversidades com o foco em

e tudo isto para "levar para casa um sentimento de participação e orgulho pessoal em nossa herança americana" ("*The Magic of Walt Disney World*").

No coração da Praça da Liberdade, o campanário domina horizonte, exibindo o *Hall of Presidents Theater (Teatro Salão dos Presidentes)*, construído em um estilo que lembra o *Independence Hall*, na Filadélfia. Na recepção do teatro, os atendentes vestidos com roupas em estilo colonial, atraem a atenção dos visitantes para as pinturas de século XVIII, as quais representam cenas da Norte-América colonial e da Convenção Constitucional. Uma vez que os visitantes foram conduzidos e acomodados dentro do teatro, essas mesmas pinturas são projetadas em uma enorme tela, com música, narração, diálogos e efeitos sonoros para trazê-los à vida. Toda essa produção dura 22 minutos, mostrando a tecnologia do Audio-Animatronic, para celebrar a herança estadunidense e a Constituição, ou seja, as nossas Sagradas Escrituras. O show, intitulado "*One Nation Under God*"²⁷ (*Uma Nação Sob Deus*), "não deixa os hóspedes impassíveis" (nas palavras do livro oficial de *souvenirs*).

As luzes se apagam, e uma fanfarrã com trompetes anuncia que a exibição já começou. Um coro recita, em uníssono, o Preâmbulo à Constituição: "Nós, o povo dos Estados Unidos [...] promulgamos e estabelecemos a Constituição para os Estados Unidos da América". Com "essas palavras imortais" entoa o narrador, "proclamou [...] o sonho americano [...] Esta é a dramatização de um novo conceito de liberdade e do código de leis que inspirou a criação dessa liberdade". Em seguida, o som e a apresentação de slides relatam a Convenção Constitucional e a assinatura da Constituição, intercalados com os sábios conselhos de George Washington e Benjamin Franklin. O narrador relembra ao público que o sonho "não poderia ser realizado sem custos" e desafios à União, de maneira que logo começa uma breve dramatização da Rebelião do Uísque e da Guerra Civil.

seu desenvolvimento de forma holística, disciplina, ética, excelência, dedicação, trabalho em equipe, amor e devoção às artes".

Em São Paulo, a *Drum Corps* conta com professores brasileiros e norte-americanos. Para mais informações, veja: <http://www.brazilianvanguard.mus.br/inicio.htm> Acessado em: 28/05/2014, às 15h 55min. (Nota da tradutora).

²⁷ A apresentação *One Nation Under God*, sofreu algumas atualizações desde a publicação deste artigo escrito por Robert Pettit. A essência continua a mesma, mas, algumas cenas foram remodeladas, principalmente no que se refere à inclusão da mensagem dos dois últimos presidentes. No caso de George W. Bush aparece dois feixos de luz representando as Torres ausentes, em uma nítida menção à necessidade de se lutar para manter a pátria livre. Quanto a Barack Obama, a sedutora voz de seu sócia *Animatronic* relembra à plateia que os sonhos precisam renascer a cada dia e serem compartilhados por todos, independentemente das diferenças, pois eles trazem em si o espírito de coragem e determinação, bondade e generosidade que fazem dessa terra um lugar abençoado, terra em que viceja o sonho americano. (Nota da tradutora)

O personagem de Lincoln domina esta parte do show, mesmo antes de seu sócia *Audio-Animatronic* introduzi-lo. Este santificado profeta e mártir da religião civil é ouvido, pela primeira vez, fazendo menção aos seus 1858 debates com Douglas: "Eu posso não saber muito, mas eu acho que sei a diferença entre o certo e o errado [...] A casa dividida contra si mesma não pode prevalecer de pé²⁸". Uma lenta música, baixa e reverencial, constrói um fundo para a voz de Lincoln quando ele pede, em nome "destes princípios sagrados" (a saber, as verdades que estão na Declaração de Independência) e implora aos ouvintes que não destruam esse "emblema imortal da humanidade". Eleito para a Presidência em 1860, Lincoln previu a tragédia iminente da Guerra Civil e contemplou sua vocação sagrada: "Eu sei que há um Deus, e que Ele odeia a injustiça e a escravidão [...] Eu sei que sua mão está nela [a tempestade que se aproxima]. Se Ele tem um lugar ou trabalho para mim, e eu acho que ele tem, eu acredito que estou pronto [...] Com a ajuda de Deus, não vou falhar".

A Guerra Civil veio, porém, a União foi salva, a Constituição sobrevive e a América é, outra vez, "finalmente uma nação e para sempre".

O século posterior é descrito pelo narrador como sendo um momento de transição e de progresso, porém frisa que a filosofia fundamental da liberdade veio a sobreviver sob as garantias constitucionais nas quais "os homens eram livres para falar, livres para adorar {a Deus} como quisessem, livres para usufruir dos frutos do seu trabalho, e livres para explorar novas dimensões de seu universo". O espetacular lançamento de um foguete da NASA enche as telas e logo o tonitruante sistema de som assume o controle (talvez para distrair o espectador e não deixá-los pensar, onde, exatamente, essas duas últimas liberdades poderiam ser encontradas na Declaração dos Direitos dos Cidadãos).

Em seguida, o narrador invisível relembra, à sua audiência, da necessidade de se manter a verdadeira fé: "Se o mundo livre é para permanecer, então, os princípios de auto-governo devem ser perpetuados. A Constituição é a rocha [das eras?], e os líderes do amanhã devem ser tão dedicados à sua preservação como o foram os de outrora, e também o são os líderes de hoje"²⁹.

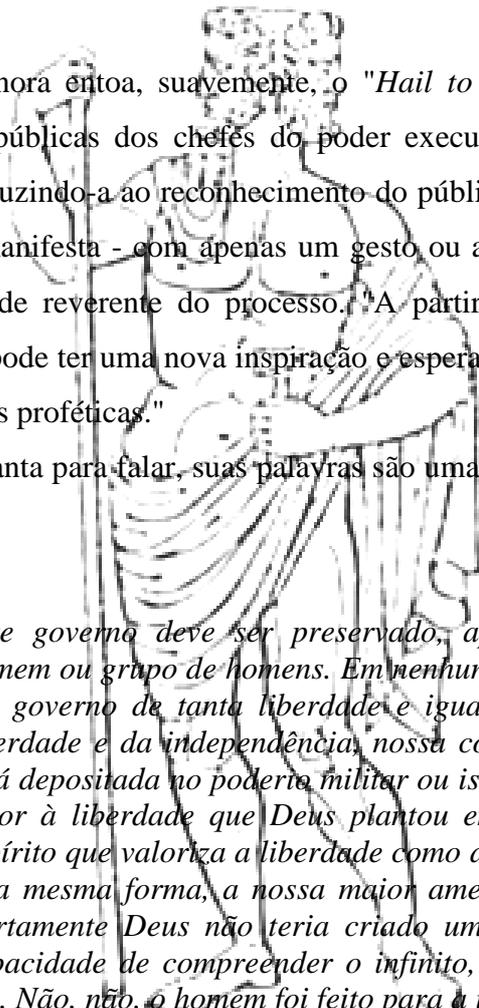
²⁸ Bíblia Sagrada, evangelho de São Marcos cap. 3 vs. 25. (Nota da tradutora).

²⁹ Estou confuso e intrigado pela inconfundível ênfase no tempo presente, mencionada nesta última asseveração. O que realmente significa essa relevância quanto à dedicação dos líderes atuais em detrimento à dedicação dos líderes do passado e do futuro? Tal ênfase já estava presente na narração, mesmo antes da eleição de Ronald Reagan para a presidência, ou isto representa um favoritismo da Disney em direção a um colega de ideologia e velho amigo?

Na sequência da encenação, ouve-se outro toque de fanfarra e trompetes, e as cortinas se abrem para revelar o conjunto dos 40 presidentes³⁰ dos EUA, em tamanho natural, organizados em um enorme palco, atuando como uma forma de vida *Audio-Animatronic*. Para que a audiência não pense que se trata de um mero espetáculo mas, ao contrário, fique embasbacada com a solenidade do momento, o narrador convida a todos a permanecerem em posição de respeito e até mesmo de reverência. "Vamos prestar homenagem", diz ele, "aos homens imortais cujos nomes ilustres foram indelevelmente inscritos na lista de honra da história".

Uma trilha sonora entoa, suavemente, o "*Hail to the Chief*" - como sempre é executado nas aparições públicas dos chefes do poder executivo - enquanto um holofote destaca cada figura, introduzindo-a ao reconhecimento do público mediante o anúncio de seu nome, o personagem se manifesta - com apenas um gesto ou aceno bastante modesto - para não interferir na solenidade reverente do processo. "A partir desses homens", o narrador continua: "o mundo livre pode ter uma nova inspiração e esperança [...] e uma nova sabedoria advinda de antigas palavras proféticas."

Lincoln se levanta para falar, suas palavras são uma montagem de recortes de seis de seus discursos:



Este governo deve ser preservado, apesar dos atos de qualquer homem ou grupo de homens. Em nenhum lugar do mundo se tem visto um governo de tanta liberdade e igualdade. [O nosso baluarte da liberdade e da independência, nossa confiança contra a tirania não está depositada no poderio militar ou isolamento geográfico, mas no] amor à liberdade que Deus plantou em nós. Nossa defesa está no espírito que valoriza a liberdade como a herança de todos os homens. [Da mesma forma, a nossa maior ameaça vem a partir de dentro]. Certamente Deus não teria criado um ser como o homem, com a capacidade de compreender o infinito, para existir somente por um dia. Não, não, o homem foi feito para a imortalidade.

Um coro de vozes se junta à música orquestrada que vem sendo tocada como fundo musical para o discurso de Lincoln, e ambos, voz e música, se avolumam gradualmente, criando uma magnífica prestação para o refrão de um verso do "Hino de

³⁰ O autor menciona apenas 40 presidentes porque, à época da publicação do texto (1986) Ronald Reagan era o quadragésimo e último presidente. Atualmente o *Hall of Presidents*, conta com 44 deles, estando inclusos: George U. W. Bush; Bill Clinton; George W. Bush e Barack Obama.

Batalha da República”³¹. Os próprios céus proclamam a glória da América³², como por exemplo, o céu detrás do Capitol que se transforma em pano de fundo para as suas estrelas e as núvens em uma bandeira americana, então o coro canta: "glória, glória, aleluia!". As cortinas se fecham e a congregação, sob a emoção represada, se rompe em sinceros aplausos.

Um repórter do *The New York Times*, durante o bicentenário da Independência, reconheceu a importância do Salão dos Presidentes como sendo um santuário estudanidense, e examinou as reações dos visitantes a ele:

[O Salão dos Presidentes] é um set de filmagem permanente, projetado para funcionar como um santuário [...] Americanos se sentam reverentes, durante os 23 minutos de show [...] o qual tem conotações vagamente litúrgicas, incluindo um sermão proferido pelo robô de Lincoln [...] Em uma tarde e noite de entrevistas [...] com turistas que tinham acabado de ver o show, não houve uma única pessoa que declarasse ser outra coisa além de inspirador. "Arrepiante" foi a forma como uma mulher descreveu sua reação. "Isso realmente me pegou"; [disse outro]. "Está feito para você parar e pensar." Isso o fez pensar; [ele] disse, "na sorte que tinha por ser um americano". (The New York Times, 16 de março de 1976, p.25)

O Salão dos Presidentes pode ser qualificado como um santuário da religião civil americana em muitos aspectos: o título de sua apresentação ("Uma Nação sob Deus"); as referências religiosas recorrentes ("Deus", "Divina Providência", "princípios sagrados", "liberdade de culto", "palavras de profecia", o "Hino de Batalha da República"); a citação de sabedoria dos Pais Fundadores, com Washington e Franklin; a centralidade inquestionável da

³¹ O Hino de Batalha da República foi composto por Julia Ward Howe, em 1861, tornando-se muito popular durante a Guerra Civil Americana, sendo que, ainda hoje vários artistas a têm interpretado. Eis a letra: **Battle Hymn Of The Republic:** Mine eyes have seen the glory/ Of the coming of the Lord/ He is trampling out the vintage/ Where the grapes of wrath are stored/ He hath loosed the fateful lightening/ Of His terrible swift sword/ His truth is marching on/ Glory, Glory Hallelujah/ Glory, Glory Hallelujah/ Glory, Glory Hallelujah/ His truth is marching on/ His truth is marching on. Em tradução livre: **Hino de Batalha da República:** Meus olhos viram a glória/ Da vinda do Senhor/ Ele vem pisando a vindima/ As vinhas no lugar de sua ira/ Ele desembanhou o raio fatal/ Da Sua terrível e rápida espada/ Sua verdade está marchando/ Glória/ Glória Aleluia/ Glória, Glória Aleluia/ Glória, Glória Aleluia/ Sua verdade está marchando / Sua verdade está marchando. A letra faz referência à segunda vinda de Cristo, que desta vez atuará como juiz e não mais como salvador. O furor de sua ira será derramado sobre todos os seus inimigos, sobre todos os rebeldes que se recusaram a aceitar o seu beneplácito. Como a autora testemunhou as atrocidades da guerra, foi fácil transportar para seu tempo a idéia de um julgamento divino sobre os causadores da cizânia. Com a vinda dos missionários estadunidenses, pertencentes aos diversos ramos denominacionais, ocorrida, sobretudo no século XX, tal Hino ganhou várias versões, se adaptando aos cancionários das diversas denominações. (Nota da Tradutora)

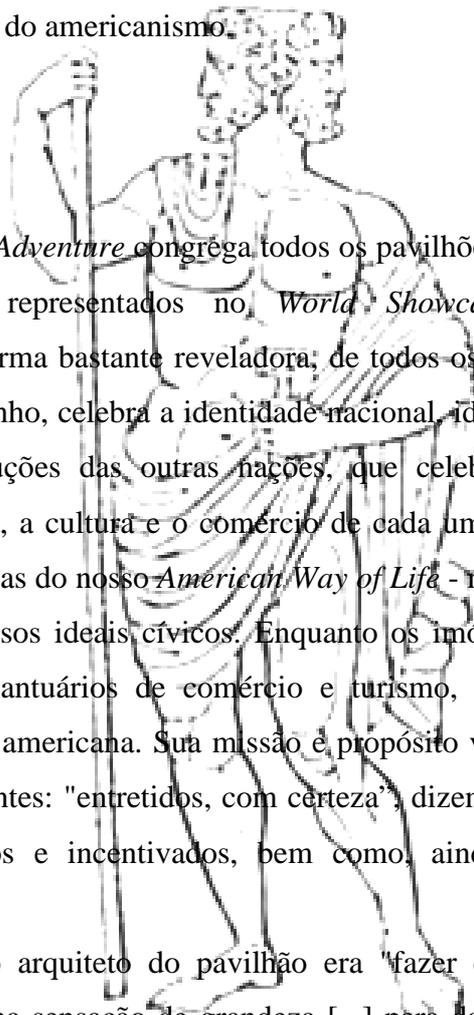
³² O autor ironiza ao alterar parte do primeiro versículo do Salmo 19 que diz: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos”. (Nota da Tradutora)

figura de Lincoln; o tema da Guerra Civil como sendo um tempo de julgamento; a sacralidade da Constituição e da Declaração da Independência; a ênfase sobre as virtudes da liberdade e da igualdade; a enfática repetição sobre a importância da unidade nacional ("Uma nação sob Deus", "Nós, o povo", "desafio à União", "uma casa dividida contra si mesma", "uma nação finalmente e para sempre", "dedicado a sua preservação", e "este governo deve ser preservado"), e as emoções aparentemente genuínas evocadas em todos aqueles que experimentam a apresentação. Ele serve para conclamar os americanos, em uníssono, e renovar a sua fé nos ideais do americanismo.

A aventura americana

O American Adventure congrega todos os pavilhões que reproduzem a cultura e a arquitetura dos países representados no *World Showcase*, EPCOT, e se difere, significativamente e de forma bastante reveladora, de todos os edifícios dos outros países: o *American Adventure*, sozinho, celebra a identidade nacional, ideológica e ética dos EUA. Em contraste com as construções das outras nações, que celebram o cenário, a música, a arquitetura, a gastronomia, a cultura e o comércio de cada uma delas, o prédio dos Estados Unidos é dedicado às glórias do nosso *American Way of Life* - nosso passado mítico-histórico, o nosso espírito-guia, nossos ideais cívicos. Enquanto os imóveis das outras nações foram construídos para serem santuários de comércio e turismo, o *American Adventure* é um santuário da religião civil americana. Sua missão e propósito vão muito além da expectativa de diversão de seus visitantes: "entretidos, com certeza", dizem as pessoas que trabalham na Disney, "mas, informados e incentivados, bem como, ainda *inspirados*" (Grifo nosso) (BEARD, 1982, p. 139).

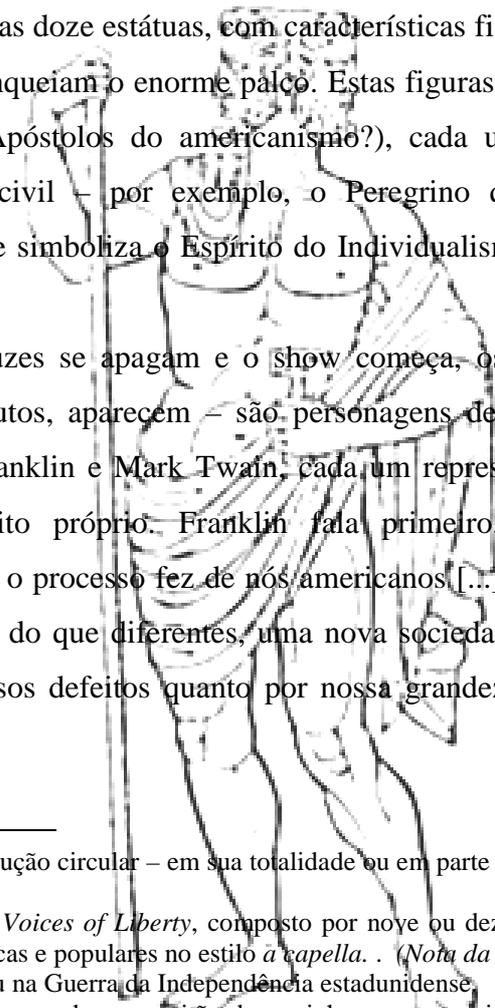
O objetivo do arquiteto do pavilhão era "fazer o visitante se sentir em casa enquanto transmitimos uma sensação de grandeza [...] para dar a impressão de que esta é a mansão de América" (BEARD, p.139). Embora o design da construção tenha sido originalmente concebido como um edifício elegante e contemporâneo, gradualmente, foi se metamorfoseando em um prédio ao estilo colonial, mais semelhante à Praça da Liberdade. Evidentemente, santuários nacionais que comemoram o espírito de 76, devem evocar Benjamin Franklin, e não Le Corbusier.



Os visitantes que adentram o pavilhão se reúnem na ampla Rotunda³³. Enquanto esperam para entrar no teatro, eles são entretidos por uma banda de jovens cantores³⁴ vestidos com trajes que vão, desde os da Nova Inglaterra colonial aos aristocráticos da pré-guerra civil, cantando músicas folclóricas tradicionais como o "*Turkey in the Straw*" e fechando com a obrigatória "*Dixie*" e "*O Hino de Batalha da República*". Essas duas últimas músicas nunca deixam de despertar uma especial e entusiástica resposta na platéia.

Uma vez que os visitantes são levados para o teatro e acomodados nos assentos, eles podem refletir sobre as doze estátuas, com características fisionômicas realistas, feitas em tamanho natural, que flanqueiam o enorme palco. Estas figuras são chamadas de os Espíritos da América (os Doze Apóstolos do americanismo?), cada um incorporando um atributo venerado pela religião civil – por exemplo, o Peregrino que simboliza o Espírito da Liberdade, o cowboy que simboliza o Espírito do Individualismo, o *Minuteman*³⁵ o Espírito da Independência³⁶.

Quando as luzes se apagam e o show começa, os dois anfitriões, que farão a apresentação de 29 minutos, aparecem – são personagens de *Audio-Animatronics* feitos à imagem de Benjamin Franklin e Mark Twain, cada um representando o papel de profeta e herói popular por direito próprio. Franklin fala primeiro, citando Steinbeck³⁷: "Nós construímos a América e o processo fez de nós americanos [...] Então, em pouco tempo, nos tornamos mais parecidos do que diferentes, uma nova sociedade, não muito numerosa, mas modelada, tanto por nossos defeitos quanto por nossa grandeza". De imediato, as palavras



³³ Rotunda é um tipo de construção circular – em sua totalidade ou em parte - encimada por uma cúpula. (Nota da tradutora)

³⁴ O autor se refere ao grupo *Voices of Liberty*, composto por nove ou dez cantores/cantoras que interpretam, regularmente, canções patrióticas e populares no estilo *a capella*. . (Nota da tradutora)

³⁵ Soldado da reserva que lutou na Guerra da Independência estadunidense. (Nota da tradutora)

³⁶ Também são exibidas as figuras: de um capitão da marinha mercante, simbolizando o Espírito da Aventura; um fazendeiro, o Espírito da Autossuficiência; uma professora, o Espírito do Conhecimento; um aviador, o Espírito do Pioneirismo; uma donzela indígena, o Espírito do Legado; um desbravador, o Espírito dos Descobrimientos; uma médica, o Espírito da Compaixão; um pioneiro, o Espírito do Amanhã; e George Washington Carver, o Espírito da Inovação.

³⁷ John Ernst Steinbeck, Jr. (27/02/1902 a 20/12/1968) foi um escritor norte-americano que tornou amplamente conhecido pelo romance vencedor do Prêmio Pulitzer: *As Vinhas da Ira* (1939). Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1962. Seu trabalho questiona a ética pessoal mais profundamente do que a maioria. Tem como premissa básica: a luta interna entre o bem e o mal, em curso em cada um de nós. Para ele, os seres humanos podem se tornar bons ou maus por meio de suas escolhas pessoais. É o livre arbítrio que permite canalizar a energia positiva ou negativa criando, assim, um conjunto próprio e pessoal de padrões éticos diretamente proporcionais às experiências que cada um colherá ao longo da vida. Cabe, portanto, ao autoconhecimento facilitar o processo de escolhas e fazer distinção entre o certo e o errado. (Nota da tradutora)

familiares tocam as cordas do corações, "nós" [...] "Americanos" [...] "Grandeza". Ora, obviamente isto não é um filme informativo para viajantes fazendo turismo.

Parece bastante apropriado que o primeiro quadro apresentado aos peregrinos modernos - os visitantes deste santuário americano - lembre os nossos primeiros Peregrinos, vindos à América em busca de liberdade religiosa. A trilha sonora introduz um coro de vozes que entoam uma conhecida *sea chantey*, a saber, uma *canção de trabalho*, usualmente interpretada para cadenciar a execução de tarefas a bordo de grandes e antigos veleiros, cujos versos ficaram imortalizados no estrebilho: "Chamam-se peregrinos, essas pobres almas miseráveis, com um sonho de serem livres no Novo Mundo."

Na sequência, a cena rapidamente desaparece para dar lugar à dramatização de *The Boston Tea Party*³⁸ (a *Festa do Chá de Boston*) e, logo após, vem a conversa entre os ícones Audio-Animatrônicos de Franklin e Jefferson, que recita o Preâmbulo da Constituição que ele escreveu. A ponte musical - "Os dias de '76, meus jovens, sempre devemos reverenciar" - instiga ao público a demonstrar a devida reverência para com estes primórdios da nação, e em seguida, é apresentado o lúgubre e glacial campo de batalha de *Valley Forge*, onde se vê o General George Washington mantendo vigília silenciosa sobre os homens e sobre "o nosso maior sonho": a unificação da nação.

A vitória foi conquistada, o sonho realizado, a América está em movimento - "em direção ao Oeste... para novas fronteiras", proclama Mark Twain. Twain, em seguida, exerce o seu papel como profeta, mais imbuído de tristeza do que de justa indignação: "Nós ainda tínhamos algumas coisas a aprender da maneira mais difícil. Parece que foi isto que um grupo majoritário de pessoas descobriu: 'Nós, o Povo' - ainda que não significasse que fossem todas as pessoas" [...] pessoas como Frederick Douglass³⁹". Nesse momento, Douglass pode ser visto navegando em uma balsa, no Mississippi, porém, o que se ouve não são sapos e grilos, diz ele, mas sim "o barulho de correntes e os açoites do chicote." Seu monólogo não é

³⁸ *The Boston Tea Party*, evento ocorrido em 16 de dezembro de 1773, é considerado o marco zero da Revolução Americana que culminou com a independência. Os colonos rebeldes – descontentes com os desmandos da metrópole – se disfarçaram de índios, entraram em três navios ingleses que estavam ancorados no porto de Boston e lançaram ao mar todo o carregamento de chá. A ousadia de tal ato se inscreveu no ideário estadunidense como sendo a manifestação do espírito de ousadia e liberdade, uma característica única e personalizada do povo estadunidense. (Nota da Tradutora)

³⁹ Frederick Douglass, pseudônimo de Frederick Augustus Washington Bailey (14/02/1818 – 20/02/1895), foi um abolicionista, estadista e escritor estadunidense. Chamado "O Sábio de Anacostia" ou "O Leão de Anacostia" se destacou como um dos mais eminentes afro-americanos de seu tempo, e dos mais influentes na história dos EUA. Ele acreditava firmemente na igualdade de todas as pessoas, independentemente de cor, etnia, sexo e nacionalidade. Ele gostava de dizer, "eu me uniria com qualquer pessoa que faça o certo e com ninguém que faça o mal". (Nota da Tradutora)

amargo, e dificilmente ameaçador aos brancos, pois, diz "ainda há esperança [...] esperança que nasce das palavras de Harriet Beecher Stowe" (em, *A Cabana do Pai Tomás*). Essa contradição do sonho americano, que aparece simbolizada na dramatização seguinte, mostra uma família dilacerada pela guerra civil – um dos filhos ingressa no exército da União, o outro no dos Confederados. Neste momento, ecoa uma canção popular melancólica intitulada "Dois Irmãos", que expressa toda a dor dessa grande provação experienciada pela história estadunidense. Na sequência, são projetadas uma série de fotografias da Guerra Civil, feitas por Matthew Brady.

A guerra acabou e Twain diz que é hora de reconstruir o país destruído, com a ajuda de todos os novos imigrantes que aportaram às costas norte-americanas. Ele mal começa a exaltar a chegada "*New Dawn*"⁴⁰ ao "*American Adventure*", quando é interrompido por um grito de: "Basta! Chega de suas palavras!", proferido pelo Chefe José da tribo Nez Perce, que lamenta a vinda desse Novo Desenvolvimento da América, como sendo o "Ocaso Final" para o seu povo. Apesar de tudo, seu sonho ainda está perfeitamente enquadrado no Sonho Americano: "Espero que todos nós possamos ser irmãos, rodeados por um só país e um governo para todos" (FJELLMAN, 1992, p. 104)⁴¹. Twain observa que as palavras do chefe Joseph "mais uma vez, nos relembram a nossa longa e dolorosa jornada através das fronteiras da liberdade humana" – e, seja qual for o desdobramento, essa liberdade é o tema unificador da nossa sagrada história para uma representação nacional.

Em um quadro de 1876 retratando a comemoração do Centenário de Independência, exibido no *Philadelphia's Exposition Hall* (Salão de Exposições de Filadélfia) presta homenagem a grandes vultos da história norte-americana. Em um dos lados, vê-se Susan B. Anthony que é retratada exigindo justiça e igualdade para as mulheres, e no outro, vê-se Alexander Graham Bell, Thomas Edison, e Andrew Carnegie que aparecem desfilando com as novas invenções - a lâmpada elétrica, o fonógrafo, o telefone, o elevador Otis e o avião. (Vale a pena observar que o show oferece 24 segundos para exaltar a justiça e a igualdade, sendo que, ao progresso e às invenções, couberam 80 segundos). Em seguida, Teddy Roosevelt e o naturalista John Muir articulam o debate que contrapõe o progresso ao meio ambiente. A experiência Americana na Primeira Guerra Mundial é reduzida a imagens filmadas de um duelo aéreo simulado entre o herói Eddie Rickenbacker e um piloto alemão.

⁴⁰ O Novo Amanhecer, Novo Despertar, Novo Desenvolvimento. (Nota da tradutora)

⁴¹ Fjellman ressalta que tais palavras não foram proferidas pelo Chefe Joseph, mas, são pura invenção da equipe Disney.

Então, a montagem, em tom de um noticiário, em movimentos frenéticos, celebra o vôo solo de Lindbergh sobre o Atlântico.

O ritmo alucinado é abruptamente diminuído por um preocupante anúncio de rádio que noticia o crash de Wall Street em 1929, e que "se mancharam os sonhos dourados de milhões." O otimismo incansável da América, sua crença em si mesma e em seu sistema econômico são, de repente, postos à prova pela Depressão. Will Rogers⁴² pergunta, em voz alta, sobre o destino do Povo Escolhido de Deus: "Sim, Senhor, antes desta Depressão nós estávamos certos de que tínhamos a bênção especial de Deus". Suas palavras sugerem que, talvez, esta calamidade seja um julgamento contra os Estados Unidos por seu materialismo: "Nós tínhamos começado a acreditar que o pináculo da civilização estava na aquisição de um automóvel, um rádio e uma relaxante banheira." A canção popular, lamenta a forma como os poderosos caíram: "Uma vez eu construí uma torre para alcançar o sol [...] Uma vez eu construí uma torre e agora ela está pronta. irmão, você pode poupar um centavo?" O Presidente Franklin D. Roosevelt aparece no palco para reunir os esforços e restaurar a confiança no Espírito da nação: "Esta grande nação irá perdurar, como já tem perdurado até aqui, irá reviver e prosperar [...] A única coisa que temos a temer é o próprio medo." Em seguida, a América está novamente posta à prova por mais um desafio, a Segunda Guerra Mundial. A determinação e a cooperação que salvou o país são dramatizadas em uma conversa entre um marinheiro e *Rosie the Riveter*⁴³.

Até este ponto da exibição, o modo de apresentação vem sendo o das cenas dramatizadas, da narrativa linear e de momentos selecionados da história americana, dispostos em ordem cronológica. Deste momento em diante, em que se abrangem os anos da Segunda Guerra Mundial, o modo de apresentação muda para um mosaico multimídia de imagens em cascata, sons e música que - quando combinados - estimulam o hemisfério direito do cérebro

⁴² William Penn Adair "Vontade" Rogers (04/11/1879 – 15/08/ 1935), foi um cowboy americano, ator, performer de teatro de revista, humorista, radialista e comentarista social. Nas décadas de 1920 e 1930, ele se tornou uma das celebridades mais conhecidas do mundo. Fez 71 filmes (50 filmes mudos e 21 "falados"), escreveu mais de 4.000 colunas em jornais sindicais. Foi considerado o líder da sagacidade política na chamada Era Progressista e foi a estrela mais bem paga de Hollywood na época. Foi pré-candidato às eleições presidenciais dos Estados Unidos de 1928. Faleceu em 1935, em acidente aéreo. (Nota da tradutora)

⁴³ *Rosie the Riveter* foi a alcunha dada às mulheres que trabalharam nas fábricas, sobretudo as bélicas, durante a II Guerra Mundial. Geraldine Doyle, vestindo um uniforme azul e usando um lenço vermelho com bolinhas brancas na cabeça, foi o modelo fotográfico que inspirou os cartazes. Sob o título: "We Can Do It!", ela aparece, com a fisionomia endurecida e olhar desafiante, arregaçando a manga do braço direito (em pose de poder e força), tornando-se um ícone do feminismo.

a evocar memórias pessoais de forma intensa, oferecendo respostas aos eventos e às pessoas aludidas.

O guia oficial do EPCOT descreve esta parte do programa:

Nós vemos um vasto céu, vivo com nuvens vaporosas e coloridas. Como em um sonho, as nuvens começam a assumir aparências. [As] aparências tomam forma, tornam-se imagens de momentos memoráveis: Jackie Robinsonsliding na segunda base; Marilyn Monroe [e Bob Hope] entretêm as tropas na Coréia; Albert Einstein; [Walt. Disney, devidamente espremido entre Norman Rockwell, um popular ilustrador americano, e John Wayne, ícone do cinema superpatriótico;] John Kennedy se dirigindo a uma multidão ("Não pergunta o que seu país pode fazer por você..."), o Corpo da Paz; Martin Luther King ("Eu tenho um sonho..."); Joan Baez, em Woodstock. Um astronauta planta a bandeira americana na lua. (BEARD, p. 163)

Acompanhando este caleidoscópio visual ouve-se a canção "Golden Dream" que, começando como uma balada se expande até a forma de hino e recebe a adesão de coral e orquestra: "América, expanda suas asas douradas, / Navegue sobre os ventos da liberdade cruzando o céu [...] / Mude-se, em um mundo de mudanças, / Mantendo os sonhos planando no ar, na chuva [...] / América, você deve guardar os sonhos agora, / Sonhando agora a promessa de seus pioneiros. / América, continue voando agora, / guarde seu espírito livre, encarando novas fronteiras [...]".

O efeito geral é poderoso, um observador participante pode testemunhar na platéia, muitos rostos sorridentes através de lágrimas e coriza, pode registrar nessas memórias evocativas os sentimentos simultâneos de orgulho e humildade, alegria e tristeza. A experiência é comum a todos: emoções fortes extraídas a partir de memórias individuais que se unem em uma resposta coletiva, em um passado recente compartilhado. As respostas certamente se qualificam como religiosas – os sentimentos da transcendência individual, compartilhados em uma emoção de efervescência coletiva.

A tocha da liberdade, empunhada pela Estátua da Liberdade, ergue-se no centro do palco, Ben Franklin e Mark Twain ficam em suas plataformas. Franklin, semelhante a uma coluna, ostenta orgulho (se é que um Audio-Animatron pode demonstrar emoções) e ressalta que a Constituição tem resistido aos rigores do tempo, elogia seus companheiros, os Pais Fundadores, como "visionários". Twain convida a platéia a "olhar para o que temos feito",

como nação. O temperamento de Twain, somado ao otimismo de Franklin e ao aviso de John Steinbeck, resulta: " Enfrentamos, na atualidade, o perigo que, no passado, foi o mais destrutivo para o ser humano: o sucesso, a abundância, o conforto e, cada vez mais, o lazer. Nenhuma pessoa dinâmica jamais sobreviveu esses perigos⁴⁴". (Alguém pode imaginar como esta profética advertência é recebida por uma audiência bem-acomodada em uma confortável sala refrigerada, com assentos de espuma macia e se divertindo a valer, ao esbanjar seu tempo de folga, justamente, no coração dessa nação que é a terra do lazer, principalmente depois de ter gastado, no mínimo, 34 dólares - mais os impostos - para ser admitido nesse parque). Franklin termina a conversa e o show com um comunicado de confiança e de esperança, prevendo que a promessa de uma América melhor e a Aventura Americana ainda continuem por muito, muito tempo. O final da música "Golden Dream", conclui o show. Aplausos. Luzes desligadas.

Semelhantemente ao "*One Nation Under God*", no Salão dos Presidentes, a apresentação do *American Adventure* se qualifica como uma exibição da religião civil. Ambas as dramatizações convocam e celebram os mesmos temas, símbolos, eventos e personagens, e ainda, adicionam mais alguns elementos. Talvez o *American Adventure* não seja tão didático quanto o Salão dos Presidentes, e necessite evocar a história sagrada - por meio de temas do nosso passado em comum - para encontrar elementos que deem propósito e significado ao fato de ser Americano. Ter compartilhado esta herança - na qualidade de nação e de plateia - une os peregrinos deste santuário. Suas crenças individuais, valores e biografias são integrados, tanto em uma história mais ampla quanto em uma estrutura de sentido: *A Aventura Americana*, que por sua vez, também é integrada a um história cósmica e estrutura de significado ainda maiores (a bênção especial de Deus na missão da América). Através da experimentação coletiva de tal ritual pode-se renovar a fé e compromisso com a unidade da Nação e seus ideais.

O *American Adventure* também se difere do *Hall of Presidents*, na proeminência concedida ao esquema de ação profética da religião civil. A dramatização com aparência

⁴⁴ Eis o trabalho disciplinador, nas palavras de Twain, do texto original: [...] "*We now face the danger which in the past has been the most destructive to the human: success, plenty, comfort, and ever-increasing leisure. No dynamic people has ever survived these dangers*". Porém, o pessoal da Disney não pensou que, sem tempo livre do trabalho ninguém iria se divertir em parques temáticos, a não ser, é claro, que eles se referissem apenas às pessoas que realmente trabalham duramente enquanto outras se tornam milionárias, principalmente, com o entretenimento... (Nota da tradutora)

sacerdotal - rememorativa, solidária e acrítica, no que se refere a tudo o que é norte-americano - é óbvia em ambas as apresentações. Porém, o modo profético – que invoca os mais altos ideais universais do americanismo em seu juízo reprobatório sobre os pecados e deficiências nacionais - é muito mais evidente no *American Adventure* do que no Salão dos Presidentes. A atenção dada a Frederick Douglass, Chefe Joseph, Susan B. Anthony, John Muir, a Depressão, Martin Luther King, Joan Baez, e as contundentes citações de John Steinbeck, demonstram que o americanismo pode, realmente, ser uma sociedade de religião civil, pois respeita a autoridade e o julgamento daqueles que estão acima e além da nação. Talvez a razão para esta diferença esteja nas datas de criação das duas apresentações. A composição do Salão dos Presidentes se expandiu a partir dos "Grandes Momentos com o Sr. Lincoln", apresentado na Feira Mundial de Nova York nos anos de 1964 e 1965, enquanto o *American Adventure* tenha sido aberto com o EPCOT, em outubro de 1982. Nesse ínterim, a sociedade norte-americana passou por grandes mudanças, provocando uma significativa autocrítica, com relação à forma de se tratar os negros, as mulheres, os nativos americanos e o meioambiente. Teria sido surpreendente (e imperdoável) se os consequentes aumentos na percepção e sensibilidade nacional não fossem notados na segunda apresentação. Mas eles são, e o resultado é uma recapitulação, mais plenamente arredondada, da experiência americana.

Outros elementos da religião civil nos parques temáticos da Disney

O *Hall of Presidents* e o *American Adventure* se destacam, particularmente, como locais de exibição da religião civil, porém, ainda há outros elementos nos parques que são dignos de nota. O teatro *Circle-Vision 360*, situado em *Tomorrowland*, mostra documentários de viagens, projetados em enormes telas que reodiam o público. Assim, os filmes regionais mostrados nos pavilhões dos *World Showcase*⁴⁵ (*Vitrines do Mundo*), tanto do Canadá e França quanto da China, contêm magníficas paisagens. No entanto, os que têm os EUA como tema - ao contrário dos outros filmes – por exemplo, o "*America the Beautiful*" (não mais exibido) e "*Viagens da América*" (o filme atual) - também mostram temas simbólicos e nichos da religião civil. Além das belas imagens do *Grand Canyon* e da ponte *Golden Gate*, por

⁴⁵ *World Showcase* é a fração do parque situada ao redor da lagoa, onde podem ser encontrados 11 pavilhões que representam diferentes países da Europa, Americas, Ásia e Africa. Tais pavilhões mostram réplicas dos edifícios característicos de cada país, além de colocar à disposição do público alimentos e produtos típicos. O espetáculo com fogos de artifícios, denominado: *Illuminations* acontece na lagoa, no horário de fechamento do parque. (Nota da tadutora)

exemplo, o filme "*America the Beautiful*" também presta homenagem aos santuários em Washington-DC, (são eles: o Monumento a Washington, o Lincoln Memorial e o Cemitério Nacional de Arlington), a Estátua da Liberdade e academias militares das Forças Armadas. A narração enfatiza o significado patriótico destes locais. A trilha sonora reforça a mensagem entoando a canção: "*America the Beautiful*" - "América, América, Deus derramou Sua graça sobre ti [...]". Além da similaridade com cenários dos filmes de viagem, os chamados "*Americans Journeys*" enfatizam a nossa unidade nacional, uma vez que reconhecem a diversidade étnica e cultural, "todos os americanos têm compartilhado um sonho comum [...] Somos uma nação de nações [...] Nós todos compartilhamos um amor comum por esta terra que chamamos de América [...]". Conectado à música "*God Bless America*" (*Deus Abençoe a América*) a trilha sonora ganha volume (FJELLMAN, 1992, p. 99). Desta forma, uns meros registros de viagem são transformados em experiências inspiradoras.

Os agentes de relações públicas da Disney não perdem uma única oportunidade de entrelaçar as histórias dos parques com a dos Estados Unidos, e o fazem por meio de celebrações compartilhadas. O dia mais sagrado da religião civil é o Dia da Independência (o Quatro de Julho), e os parques da Disney aproveitaram a ocasião para emparelhar a própria fortuna com a da América. A rede de televisão apresenta, regularmente, um "*Disney's All-Star Fourth of July Spectacular*", transmitido direto da Disneylândia e da *Disney World*, em que convida aos telespectadores a "celebrar o espírito!" A celebração de 1992 abriu o programa com o apresentador John Ritter, avisando, às multidões nos parques, para "Manter essas bandeiras acenando, porque hoje nós estamos comemorando o ano do 20º aniversário da *Disney World* e os 216 anos de liberdade americana!" As festividades fecharam com uma bênção especial do presidente George Bush: "Feliz Quatro de Julho, e que Deus continue a abençoar a nossa grande terra" (NBC-TV transmitido o 4 de Julho, em 1992).

Michael Eisner, Presidente do Conselho Disney e do CEO, fortaleceu essas interrelações, entre o conglomerado Disney e o americanismo, quando passou a desempenhar o papel de membro fundador do conselho da organização *Points of Light Foundation* (estabelecida pelo presidente Bush para homenagear o voluntariado). Na ocasião, em setembro de 1991, Eisner saudou o Presidente Bush e esposa, bem como os receptores de Pontos de Luz para EPCOT, para celebrar o "grande espírito do voluntariado americano" e, não por coincidência, o 20º aniversário do *Walt Disney World*. A celebração conjunta teve a exibição de muitas bandeiras, fogos de artifício e um *Color Gard* da Força Aérea. O Hino

Nacional dos Estados Unidos foi cantado por Sandi Patti ("homenageada pela revista *Billboard* com o prêmio de *Inspirational Album of the Year*⁴⁶ por quatro anos seguidos") e o conjunto *Voices of Liberty*, pertencente ao próprio EPCOT apareceu cantando a música "*America's Song*" ("Canção da América"). Em discurso o Presidente Bush disse:

Nós celebramos o espírito americano, que é o maior mérito de tudo disto, o maior mérito da maior nação em todo o mundo. [Aplauso] [...] Que Deus abençoe vocês e que Deus abençoe os Estados Unidos da América! (The Disney Channel telecast, 30 de setembro, 1991).

O ritual do Bicentenário dos Estados Unidos, ocorrido em 1976, apresentou oportunidades especiais para Disneyficação. Para as comemorações, os parques da Disney - em cooperação com a Comissão do Bicentenário oficial dos EUA - criou o "*America on Parade*" (*América em Desfile*), uma extravagância patriótica criada para honrar os Estados Unidos. Entre junho de 1975 e setembro 1976 o desfile/espetáculo foi apresentado na Disneylandia e *Disney World* mais de 1.200 vezes, sendo visto por cerca de 25 milhões de pessoas (sem contar os livros, as gravações e a televisão que espalharam o espetáculo para muitos mais). Cada bloco do desfile estava composto por 50 unidades que retratavam fatos marcantes e instituições importantes, que constituíram a história estadunidense: da descoberta do Novo Mundo por Colombo, o estabelecimento do governo nacional, até a exploração espacial. O desfile começou com Mickey, Donald e Pateta, vestidos como soldados revolucionários portando, respectivamente, bandeira, flauta e tambor, terminando com uma espetacular exibição de queima de fogos e um trem-circo que passou proclamando que a América será "o maior espetáculo da Terra".

Em outubro de 1986, o parque convidou cerca de 10.000 pessoas da mídia, com seus respectivos comensais, para celebrar (às expensas da Disney) duas festas de aniversário - o décimo quinto aniversário da *Disney World* e do Bicentenário da Constituição dos EUA. Dentre os convivas, o mais importante deles era Warren Burger, o então Presidente da Comissão do Bicentenário da Constituição dos Estados Unidos (e ex-chefe de Justiça da

⁴⁶ O termo *Inspirational* se refere ao um tipo de música, cujas letras evocam no interior das pessoas uma resposta emocional positiva, reconfortante e, normalmente fazem menção aos ensinamentos cristãos. Em 1990, Sandy Patti, conhecida como "A Voz", lançou um álbum voltado para as crianças chamado *The Friendship Company: Open for Business*, pelo qual recebeu homenagem pela revista *Billboard*, que mede o ranking de popularidade dos artistas no campo da música. (Nota da tradutora)

Suprema Corte), que visitou, não apenas o parque, mas, também os voluntários, e não viu nada impróprio em se comemorar a festividade ao lado de Mickey e Pateta: "Este é, obviamente, um patriótico guardião da memória com espírito empresarial". Bruce Morton, o correspondente da CBS News observou:

“Os puristas podem reclamar que a liberdade, expressa no mais requintado pedaço de papel do país, não deveria pular com ratos gigantes, o que neste caso é bem pateta, mas eles provavelmente estão errados. Se Mickey Mouse não é um Yankee Doodle Dandy⁴⁷, quem é? Você não consegue achar alguém mais americano do que ele. Mickey e Minnie, Donald e a Constituição, tudo uma festa [...] só na América! (“CBS Evening News com Dan Rather,” 03 de outubro de 1986)”

Diariamente, a rotina dos parques Disney também comemora o americanismo. Mesmo o habitual desfile para honrar Mickey Mouse, termina com uma queima de fogos, durante o quais, as multidões são instadas - por anônimas vozes nos alto-falantes - a se juntarem aos coros de gaita para cantarem a música "America the Beautiful". Todos os dias, há também uma cerimônia para a retirada da bandeira que ocorre na *Town Square*, a cada atardecer. Enquanto a bandeira americana é arriada, a banda do parque executa o *National Anthem (Hino Nacional)* e pombos adestrados, simbolizando pombas da paz, são liberados para os céus sobre o parque.

As pessoas presentes nos parques Disney se orgulham, não somente das apresentações em que se celebram o americanismo, mas também do comparecimento de proeminentes representantes políticos estadunidenses em suas peregrinações a esse santuário nacional. O guia oficial para *Disney World*, o *souvenir* de capa dura, orgulhosamente, apresenta todas as fotografias dos famosos visitantes, tais como o presidente Jimmy Carter, os senadores Hubert H. Humphrey e Edmund Muskie, o congressista Tip O'Neill, o governador da California Goodwin Knight, e as filhas presidencias Susan Ford e Julie Nixon Eisenhower em suas visitas aos parques Disney. (Apesar de não terem sido retratados, os presidentes Harry S.

⁴⁷ O filme estadunidense: *Yankee Doodle Dandy* (A canção da vitória) é um drama musical e patriótico rodado em 1942 com direção de Michael Curtiz. Romanceia a biografia de George M. Cohan que é considerado o pai da comédia musical. O nome se deve à canção de Cohan, *Yankee Doodle Boy*, adaptação da canção patriótica estadunidense *Yankee Doodle Dandy*. Segundo o *American Film Institute* este filme ocupa a 18ª colocação na lista dos 25 maiores musicais estadunidenses de todos os tempos. (Nota da tradutora)

Truman, Richard Nixon e George Bush também visitaram os parques - Bush, em 1988, até deflagrou sua campanha eleitoral na Disneylândia.) O guia também festeja a presença de personalidades internacionais prestando homenagem ao nosso santuário nacional. Há registros de embaixadores, do Rei Hussein da Jordânia, da ginasta olímpica Nadia Comaneci da Romênia, do embaixador do Canadá lotado na Embaixada dos Estados Unidos, que foi especialmente galardoado pela *Disney World* em decorrência da ajuda prestada por seu país na fuga dos seis americanos retidos do Ira⁴⁸, durante a crise dos reféns em 1979-1980. (Na verdade, o flagrante de celebridades estrangeiras à entrada dos parques tem exigido uma conexão, em tempo integral, entre os funcionários dos parques e o departamento protocolar do *United States Department of State (DoS)*⁴⁹ (*Departamento de Estado dos EUA*), órgão responsável pelas relações internacionais dos Estados Unidos.

Há muito tempo que este ensaio poderia ter sido escrito, simplesmente, detalhando como várias virtudes estimadas têm sido construídas na religião civil Americana e incorporadas aos aspectos corriqueiros dos parques da Disney. Por exemplo, a celebração ao otimismo, ao progresso e à tecnologia são evidentes em todos os lugares, mas principalmente em *Tomorrowland* (especialmente o Carrossel do Progresso) e *Future World* em EPCOT. A fé na educação é destacada em muitas declarações de propósitos proferidas pelos representantes do conglomerado Disney. O próprio Walt Disney disse: "Disneylândia [...] combina fantasia e história, aventura e aprendizado" ("Guia de Walt Disney para a Disneylândia", 1958, p.2) e "[*Disneyland*] será [...] um lugar para professores e alunos descobrirem os caminhos mais maravilhosos da compreensão e da educação" (THOMAS, 1976, p. 246). Roy O. Disney, o irmão de Walt, anunciou na abertura do *Walt Disney World*: "Permitam que *Walt Disney World* lhes traga alegria, inspiração e novos conhecimentos a todos os que vêm a este lugar feliz [...] [onde todos] podem rir e brincar e aprender - juntos" ("*The Story of Walt Disney World*", 1971, p. 2). E de acordo com o Vice-Presidente da *WED Enterprises*: "[...] EPCOT Center [é] a permanente celebração do mundo da imaginação, da descoberta, da educação e exploração [...] Nosso objetivo é inspirar a todos os visitantes que

⁴⁸ Vale observar que a atuação canadense no evento começou a ser reavaliada após o lançamento, em 1999, do livro *Master of Disguise: my secret life in the CIA*, de autoria de Antonio Joseph Mendez, mais conhecido como Tony Mendez, onde relata suas memórias enquanto agente especializado em ações clandestinas e figura chave no desfecho do salvamento dos norte-americanos feitos reféns durante a Revolução Iraniana em 1979. Em 2012, o livro rendeu um filme intitulado *Argo*, que teve a produção (juntamente com Grant Heslov e George Clooney), a direção e o protagonismo, orquestrados por Ben Affleck, que angariou sete nomeações aos Prêmios da Academia, mas, levando para casa apenas três estatuetas. (Nota da tradutora)

⁴⁹ (*Departamento de Estado dos EUA*),

aqui vêm [...] Nós acreditamos que em um mundo onde o cinismo e o negativismo abundam, há uma outra história a ser contada, e nós escolhemos [...] contá-la”[...] (*"The Story of Walt Disney World"*, 1971, p. 2). Se a limpeza se aproxima à piedade, na hierarquia moral da religião civil, certamente os parques Disney se acercam a ela. Os trajés dos funcionários são asseados diariamente, as ruas são lavadas a vapor – limpadas todas as noites (goma de mascar não é vendida nos parques, em consideração à limpeza das ruas e das calçadas), e na *Disney World* há uma rede de tubos pneumáticos que transportam rapidamente o lixo fora, como num passe de mágica. Os parques da Disney são microcosmos das concepções mais nobres da América sobre si mesma.

Conclusão

Este ensaio é uma indagação sobre as correlações entre os temas e símbolos da religião civil estadunidense e os parques temáticos da Disney, investigando a hipótese de que esses parques são, na verdade santuários da religião civil americana. Obviamente, eu não afirmo que a imaginosa proposta dos parques Disney pretenda criar experiências sobrenaturais, nem tão pouco, que os visitantes desses parques assegurem ter tido essas experiências lá. A concepção de religião implícita neste argumento é durkheimiana, ou seja, a maneira de se entender a religião deve ser através de suas funções, e a principal função das crenças e práticas religiosas é a de unir, em uma comunidade, todos aqueles que façam adesão a ela. Da mesma forma em que os parques Disney esclarecem, reafirmam e reforçam, junto ao público, a consciência de si próprios enquanto americanos, eles trazem, neste processo, a representação da qual a função religiosa se encarrega. Como qualquer desempenho religioso, os parques da Disney *educam* (ensinam a respeito de qual é a nossa herança), *inspiram* (evocam dentro de nós uma resposta emocional a ele), e *motivam* (nos encorajam a preservar a herança e agir sobre seus preceitos). O caráter particularmente sagrado desta religião civil encontra-se em seus esforços para expandir a função integradora a uma ordem cosmológica mais elevada, tornando-nos "uma nação sob Deus".

Este ensaio defende, como sendo plausível, a noção de que os parques Disney são santuários nacionais, mas não pode provar que tais parques, na realidade, sejam uma experiência tão vívida para cada um de seus visitantes. Isso exigiria uma investigação mais empírica, com um questionamento mais cuidadoso junto ao público, por exemplo, *se e como*

as crenças e atitudes dessa religião civil afetariam as pessoas após a visita. Também seria necessário averiguar o *se* e *como* esses visitantes tiveram essa experiência nos parques e quais seriam as variáveis pessoais, sociais e demográficas que influiriam. De igual modo dever-se-ia checar os visitantes que vêm pela primeira vez – por exemplo, se haveria algum sentimento de obrigação ou de dever dos pais norte-americanos quanto a levar seus filhos aos parques⁵⁰. Também seria interessante investigar como os visitantes não americanos – ao irem à *Disneyland*, *Disney World*, e até mesmo ao *Tokyo Disneyland* e ao *Eurodisney* - experimentariam esses aspectos civis e religiosos dos parques. (Relatórios publicados indicam que o *Tokyo Disneyland* permanece resolutamente americano, não somente mantendo as *Stars and Stripes*⁵¹ tremulando em muitos mastros, mas, também na preponderância do idioma Inglês o que, aparentemente, faz pensar que os japoneses querem que o parque seja uma experiência americana. Quanto à cultura francesa, ela tem sido um pouco menos hospitaleira, mas, o Euro Disneyland, certamente representa uma cabeça-de-ponte cultural do americanismo no coração da Europa).

Os norte-americanos parecem sempre ter demonstrado preferir que a cultura infantil - dos leitores de *McGuffey Readers* ao *Mister Rogers* - seja moralmente instrutiva, e, não é surpresa que, a indústria de entretenimento Disney, tem sempre correspondido às preferências desses consumidores, incorporando e expressando os hábitos e os costumes da cultura estadunidense. Além disso, os parques temáticos da Disney aparecem como tendo assumido a função de santuários religiosos, arrastando os americanos para comemorarem e celebrarem a fé, a esperança e os sonhos que os unem como nação. Certamente eu não ignoraro a importância dos parques temáticos enquanto centros de lazer, recreação e entretenimento, mas, há algo nos parques Disney, que os tornam essencialmente americanos, procurando adicionar educação, diversão e inspiração, aos fundamentos em uma ordem moral superior. No caso dos parques Disney, o *donum superadditum* (dom adicional) é religião civil americana. Deste modo, a visita de um filho à *Disneyland* ou ao *Walt Disney World* pode ser entendida, pelo menos em parte, como uma peregrinação brincalhona para um santuário de religião civil, um rito de passagem para se tornar um cidadão americano adulto.

⁵⁰ Tendo acabado de visitar o Hall dos Presidentes, o pai de uma criança de 7 anos me disse que achava que todas as crianças em idade escolar, deveriam visitar o parque e que tal visita deveria constar como curriculum obrigatório. Ouvi outro pai de três filhos, ao sair da mesma exposição, orgulhosamente proclamar à sua prole: "É por isso que nós somos republicanos!" De igual modo, os comerciais de televisão encomendados pela Disney, certamente, tentaram retratar a visita aos parques ("Eu estou indo para Disney World!") como um ato apropriado de agradecimento e celebração de vitórias da vida sobre a adversidade.

⁵¹ Referência às estrelas e listras da bandeira estadunidense.

As palavras entre chaves são interpolações da tradutora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine, 1972.
- BEARD, Richard R. *Walt Disney's EPCOT*. New York: Harry N. Abrams, 1982
- BELLAH, Robert N. *Civil Religion in America*. *Daedalus*, v. 96, n.1, p. 1-21, 1967.
- BERGER, Peter L. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. Garden City, NY: Doubleday, 1967.
- Dateline Disneyland*. ABC-TV telecast, July 17, 1955.
- FJELLMAN, Stephen M. *Vinyl Leaves*. Boulder, CO: Westview Press, 1992.
- GOLDBERGER, Paul. Mickey Mouse Teaches the Architects. *The New York Times Magazine*, New York, 22 out, 1972, p. 40.
- HAMMOND, Phillip E. Commentary [on Bellah's "Civil Religion in America"]. In: CUTLER, Donald R. *The Religious Situation*. Boston: Beacon Press, 1968, p. xx-xx. (sic.)
- HERBERG, Will. America's Civil Religion: What It Is and Whence It Comes. In: RICHEY Russel E.; JONES, Donald G. *American Civil Religion*. New York: Harper and Row, 1974, p. 76-88.
- KING, Margaret J. Disneyland and Walt Disney World: Traditional Values in Futuristic Form. *Journal of Popular Culture*, East Lansing – MI, v. 15, n. 1, p. 116-140. 1981.
- The Magic of Disneyland*. Promotional film, Walt Disney Productions, 1969.
- The Magic of Walt Disney World*. Promotional film, Walt Disney Productions, 1972.
- McGUIRE, Meredith B. *Religion: The Social Context*. Belmont, CA: Wadsworth, 1981.
- MEAD, Sidney E. The 'Nation with the Soul of a Church. In: RICHEY Russel E.; JONES, Donald G. *American Civil Religion*. New York: Harper and Row, p. 45-76, 1974.
- MOORE, Alexander. Walt Disney World: Bounded Ritual Space and the Playful Pilgrimage Center. *Anthropological Quarterly*, Washington-DC, n. 53, p. xx-xx, 1980.
- Real, Michael. *Mass-Mediated Culture*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1977.

The Story of Walt Disney World. Souvenir booklet, Walt Disney Productions. 1971.
THOMAS, Bob. *Walt Disney: An American Original.* New York: Simon and Schuster, 1976.
Walt Disney World: The First Decade. Souvenir guidebook, Walt Disney Productions, 1982.
Walt Disney's Guide to Disneyland. Souvenir booklet, Walt Disney Productions, 1958.
WARNER, W. Lloyd. *American Life: Dream and Reality.* Chicago: University of Chicago Press, 1953.

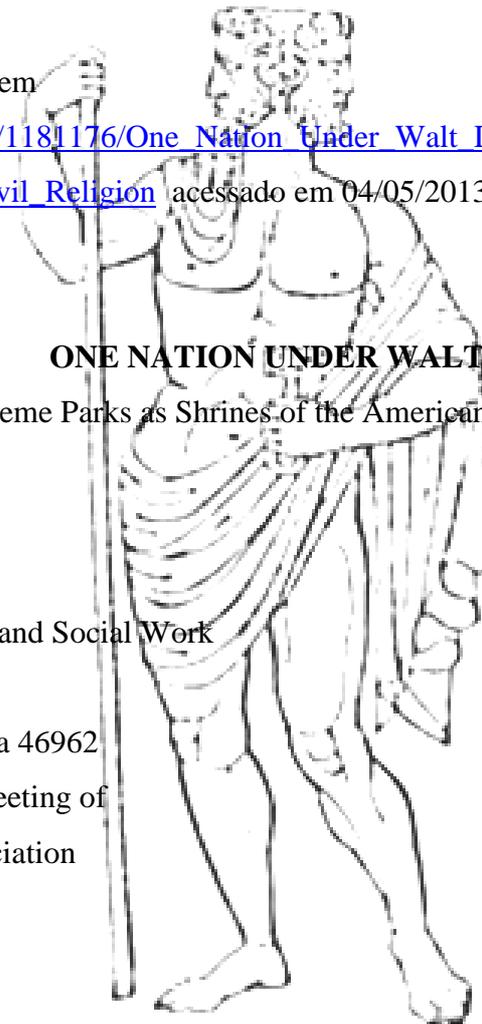
REFERENCES

- Bateson, Gregory. 1972. *Steps to an Ecology of Mind.* New York: Ballantine.
- Beard, Richard R. 1982. *Walt Disney's EPCOT.* New York: Harry N. Abrams.
- Bellah, Robert N. 1967. "Civil Religion in America." *Daedalus* 96(1):1-21.
- Berger, Peter L. 1967. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion.* Garden City, NY: Doubleday.
- "Dateline Disneyland." 1955. ABC-TV telecast, July 17.
- Fjellman, Stephen M. 1992. *Vinyl Leaves.* Boulder, CO: Westview Press.
- Goldberger, Paul. 1972. "Mickey Mouse Teaches the Architects." *The New York Times Magazine*, Oct. 22:40+.
- Hammond, Phillip E. 1968. "Commentary" [on Bellah's "Civil Religion in America"]. Pp. xx-xx in *The Religious Situation: 1968*, edited by Donald R. Cutler. Boston: Beacon Press.
- Herberg, Will. 1974. "America's Civil Religion: What It Is and Whence It Comes." Pp. 76-88 in *American Civil Religion*, edited by Russell E. Richey and Donald G. Jones. New York: Harper and Row.
- King, Margaret J. 1981. "Disneyland and Walt Disney World: Traditional Values in Futuristic Form." *Journal of Popular Culture* 15(1):116-140.
- "The Magic of Disneyland." 1969. Promotional film, Walt Disney Productions.
- "The Magic of Walt Disney World." 1972. Promotional film, Walt Disney Productions.
- McGuire, Meredith B. 1981. *Religion: The Social Context.* Belmont, CA: Wadsworth.
- Mead, Sidney E. 1974. "The 'Nation with the Soul of a Church.'" Pp. 45-76 in *American Civil Religion*, edited by Russell E. Richey and Donald G. Jones. New York: Harper and Row.
- Moore, Alexander. 1980. "Walt Disney World: Bounded Ritual Space and the Playful Pilgrimage Center." *Anthropological Quarterly* 53:xx-xx.
- Real, Michael. 1977. *Mass-Mediated Culture.* Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

The Story of Walt Disney World." 1971. Souvenir booklet, Walt Disney Productions.
Thomas, Bob. 1976. *Walt Disney: An American Original*. New York: Simon and Schuster.
Walt Disney World: The First Decade. 1982. Souvenir guidebook, Walt Disney Productions.
"Walt Disney's Guide to Disneyland." 1958. Souvenir booklet, Walt Disney Productions.
Warner, W. Lloyd. 1953. *American Life: Dream and Reality*. Chicago: University of Chicago Press.

Texto original disponível em

[http://www.academia.edu/1181176/One Nation Under Walt Disney Theme Parks as Shrines of the American Civil Religion](http://www.academia.edu/1181176/One_Nation_Under_Walt_Disney_Theme_Parks_as_Shri nes_of_the_American_Civil_Religion) acessado em 04/05/2013, às 22:05



ONE NATION UNDER WALT:

Disney Theme Parks as Shrines of the American Civil Religion

Robert B. Pettit, Ph.D.
Department of Sociology and Social Work
Manchester College
North Manchester, Indiana 46962
presented at the annual meeting of
the Popular Culture Association
1986
Atlanta, Georgia
Revised 1992

All societies seem to require religious grounding for the maintenance and legitimation of their most deeply cherished cultural beliefs and values. For some societies that role is performed by an established Church, such as Roman Catholicism or the Church of England, but for societies

that profess no favorites among competing denominations, that function may be fulfilled by a "civil religion" that exists alongside—and complementary to—conventional churches.

Many observers of American culture have described just this sort of common faith existing in the United States, variously identified as religion-in-general, the American Way of Life (Herberg, 1974), the religion of the Republic (Mead 1974), a national cult (Warner 1953), or, simply, the American civil religion (Bellah, 1967). This American civil religion has its own solemn symbols and rituals, its own sacred events and places, its own revered prophets and martyrs. As a common national religion, it supplies an overarching structure of beliefs and values (Peter Berger's [1967] "sacred canopy"), anchored in an ultimate reality, that binds together a pluralistic society of diverse individuals and groups into one unified identity—that is to say, "Americans." Transcending denominational, ethnic, and regional boundaries, civil religion expresses the unity of the nation.

Sociologist Robert Bellah's essay on "Civil Religion in America" (1967) still stands as the most compelling statement of this civil religion thesis, but it is primarily a *cultural* analysis—that is, Bellah identifies a set of ideas, demonstrates their interrelatedness, and illustrates their appearance in American life, but does not detail how these ideas are institutionally promulgated, transmitted, and maintained.

The parallel *structural* analysis receives considerably less attention [from Bellah]. Apart from a brief section on "manifestations" . . . nothing is said about the social structures through which this "culture" lives. Yet it is axiomatic that for any ideas (and certainly religious ideas) to exist, there must be social positions, expectations, institutions, even laws for the origin, preservation, transmission, and revision of those ideas. What might be such social structures in the case of America's civil religion? (Hammond 1968:382)

Many commentators have identified the public school system in America as a major carrier—a sort of church or seminary—of the American civil religion. Successive generations of American children learn their catechisms (the Pledge of Allegiance, the National Anthem, the

iconology of Washington and Lincoln, for example) throughout the required hours, months, and years of public schooling and, in so doing, are trained in the true faith of Americanism.

I nominate as another significant structural participant in the generation and propagation of American civil religion, the Disney theme parks—Disneyland and Walt Disney World. In addition to providing popular public entertainment and recreation, as they surely do, these parks—through their attractions, their

layout and design, their promotional materials—serve to orient their visitors within the sacred myths, symbols, rituals, history, and heroes of the American Way. As surely as the Washington Monument, the Lincoln Memorial, or the Statue of Liberty, these theme parks are shrines of the American civil religion.

I am not the first to note this affinity between Disney parks and the civil religion. Margaret King observes that, as America becomes more and more a world of leisure, Disney parks assume functions previously carried on by the national capital and religious shrines (1981:117). Their importance is both mythic and worldly; not only do they envision worlds of the future, they also reach back into our collective unconsciousness. They become, in effect, "symbolic American utopias" (Goldberger 1972), the apotheosis of our ideals, past and future.

. . . [P]eople actually think of them in terms apart from the usual amusement category. . . as a national shrine, monument, and living museum of American history and symbols. . . Disney

Land and World are . . . holy cities for the entire U.S., visited by pilgrims, in a constant festival state in which all participate; unlike "dead" shrines—religious and historical—which people now consider curiosities and subjects of sight-seeing, there are no spectators at the Disney rite, only participants. (King 1981:119, 121)

Anthropologist Alexander Moore (1980) elaborates this notion of Walt Disney World as a "playful pilgrimage center." While not going so far as to characterize visitor behavior in Disney World as "religious," he nevertheless compares Disney World to Mecca, Lourdes, and the shrine of Fatima:

. . . [A] pilgrimage center is a bounded place apart from ordinary settlement, drawing pilgrims from great distances as well as nearby. It must have some place of congregation, some symbols on display readily understood by the congregated pilgrims, common activities (often conducted en masse) and myth which the other elements (site, symbols, and activities) evoke; such myths are narratives commonly known. A pilgrimage [to such a center] intensifies links among widely scattered persons who share a common "mytho-historical and cultural orientation. (1980:208-210)

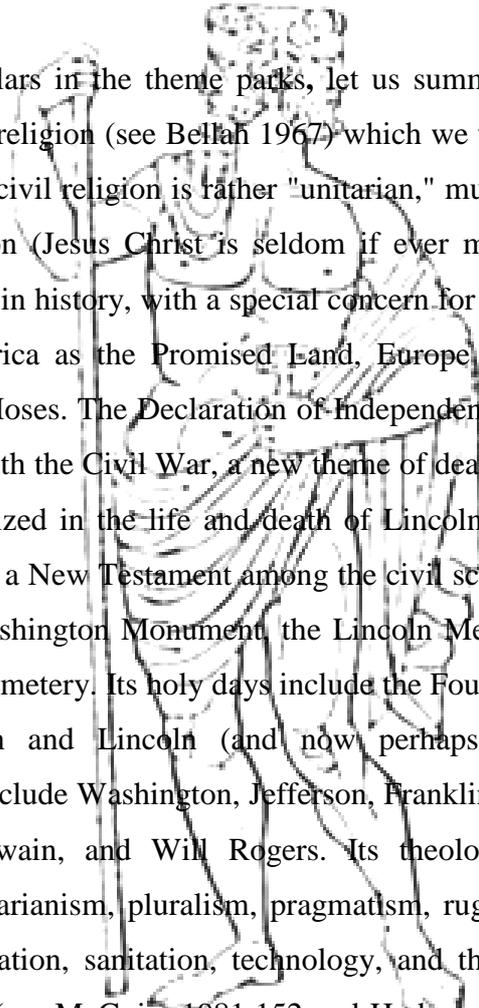
Michael Real's (1977) survey of visitors to Disneyland asked respondents what personal virtues and ideological concepts they thought were especially approved in Disney presentations. One cluster of responses listed various aspects of Americanism: "America," "All American," "God and country," "American dream theme," "nationalism," "patriotism," "democracy," "capitalism," "apple pie," and "mom and apple pie." One respondent summarized well the integrative function of civil religion in his characterization of Disneyland as "an American institution that binds Americans in a common experience" (Real 1977:75). Real comments on his findings:

Questionnaire responses indicate that Disney's ethical dramas seem to serve the "civil religion" of America, which combines the strains of the Puritan theocrats and the republican Founding Fathers . . . [T]he Disney universe offers a larger-than-life ground and source of beliefs about life and people and society. The Disneyland morality play reflects the larger American civil religion in its *creed*, the mythological pantheon of ultimates personified in Disney characters; in its *code*, the socially approved "good" Puritan behaviors and their opposites; and in its *cult*, the regular ritual communion with the larger national civil religion available to participants through television, movies, comic books, parks, and similar media. . . . As a morality play of secular American values, Disneyland utilizes entertainment, education, mythology, and utopianism to typify, strengthen, and spread a patriotic American's idealized vision of nation and world, of the past, the present, and the future. (1977:76)

Although the Disney parks' contribution to American civil religion has been noted by these and other observers, there has been no detailed analysis of how the parks perform this role. This essay intends to initiate that analysis, seeking elective affinities between the themes of civil religion and the carefully structured experiences of Disneyland and Disney World.

American Civil Religion

Before examining particulars in the theme parks, let us summarize the major symbols and themes of American civil religion (see Bellah 1967) which we will be looking for in our park explorations. The God of civil religion is rather "unitarian," much more related to order, law, and right than to salvation (Jesus Christ is seldom if ever mentioned), and he is actively interested in and involved in history, with a special concern for America. The United States is a New Israel, with America as the Promised Land, Europe its Egypt, the Revolution its Exodus, Washington its Moses. The Declaration of Independence and the Constitution are its most sacred scriptures. With the Civil War, a new theme of death, sacrifice, and rebirth enters the civil religion, symbolized in the life and death of Lincoln and expressed vividly in the Gettysburg Address, itself a New Testament among the civil scriptures. Prominent among the sacred shrines are the Washington Monument, the Lincoln Memorial, the Statue of Liberty, and Arlington National Cemetery. Its holy days include the Fourth of July, Memorial Day, the birthdays of Washington and Lincoln (and now perhaps Martin Luther King), and Thanksgiving. Its saints include Washington, Jefferson, Franklin, and Lincoln; its folk heroes, Davy Crockett, Mark Twain, and Will Rogers. Its theology celebrates the virtues of democracy, liberty, egalitarianism, pluralism, pragmatism, rugged individualism, optimism, dynamism, religion, education, sanitation, technology, and the free enterprise system (not necessarily in that order) (see McGuire 1981:152 and Herberg 1974:79). Above all, the civil religion sacralizes the symbolic expressions of national unity—for example, the mantric phrase "one nation under God, indivisible," or the totemic icon of the American flag—and thereby draws individuals into a national community that at once embodies and transcends the sum of its constituent parts.



Now let us examine Disneyland and Disney World, asking whether these symbols and themes of civil religion are so prominently and significantly embedded in the parks as to qualify them as national shrines.

Disneyland: At the Creation

To explore the place of civil religion in the Disney parks, let us begin at the beginning—July 17, 1955, the day Disneyland opened. As "Dateline Disneyland," the ABC-TV broadcast of opening day ceremonies, made clear, the influence of civil religion has pervaded the Disney parks from their very inception and dedication. The carefully orchestrated telecast portrayed the event as more than simply the opening of a commercial entertainment enterprise, cloaked as it was in patriotic, military, and religious language and symbolism.

A seemingly prescient choice for co-host of the telecast was a genial actor introduced as Ronnie Reagan, later to become an even more visible cheerleader and high priest of Americanism (performing not only as President, but also as an Audio-Animatronic in the Hall of Presidents). Present with Walt Disney for the solemn dedication ceremonies in Town Square (Main Street, U.S.A.) were the Governor of California, the Mayor of Anaheim, three military chaplains representing not only three different branches of the military but also the Protestant, Roman Catholic, and Jewish faiths (Will Herberg would have loved it!), and Disney's nephew—a clergyman.

First, Walt read from Disneyland's dedication plaque, making clear the inspiration and purpose of his park: "Disneyland is dedicated to the ideals, the dreams, and the hard facts that have created America . . . with the hope that it will be a source of joy and inspiration to the world." The fantasy and entertainment to be found therein were not created haphazardly; they were purposefully grounded in the ideals, dreams, and mythic history (not "the hard facts") of America.

Then Disney's nephew, the Rev. Glen D. Puder, spoke, casting the occasion in religious significance. He began by alluding to the "spiritual motivation" in the founding of Disneyland:

I have known Walt Disney for many years, and have long been aware of the spiritual motivation in the heart of this man who has dreamed Disneyland into being. Let us join with him, then, in dedicating these wonder-filled acres to those things dear to his heart and ours—to understanding and good will among men, laughter for children, memories for the mature, and aspiration for young people everywhere. And beyond the creeds that would divide us, let us unite in a silent prayer, that this and every worthy endeavor may prosper at God's hand. Let us bow in prayer. . . . Amen.

Rev. Puder's invitation for all present to unite in a cultic ritual that transcended "the creeds that would divide" them was a clear expression of the integrative function of civil religion.

Following Rev. Puder to the microphone, the Governor of California, Goodwin Knight, heralded the raising of the American flag, his remarks leaving no doubt that the occasion was a celebration of God and country as well as free enterprise:

Thank you, Ronald Reagan. Mr. and Mrs. Disney, reverend clergy, and my fellow Americans: Today is a wonderful day, and all America is proud as we open Disneyland. This is a wondrous community . . . just like your hometown . . . all built by American labor and American capital under the belief that this is a God-fearing and a God-loving country. And as we dedicate this flag now, we do it with the knowledge that we are the fortunate ones to be Americans, and that we extend to everyone everywhere the great ideals of Americanism, brotherhood, and peace on earth, good will towards men.

There was a drum roll and the U.S. Marine Corps Band played "The Star Spangled Banner" as four uniformed servicemen—representing the Army, the Navy, the Air Force, and the Marine Corps—hoisted

the flag and saluted. A Color Guard of at least a dozen other uniformed soldiers stood at attention. As the last notes of the national anthem echoed around Town Square, Ronnie Reagan called viewers' attention to a formation of planes from the 146th Fighter Interceptor Wing of the California Air National Guard flying over in salute to Gov. Knight, to Disneyland, and, presumably, to the Republic for which it stands.

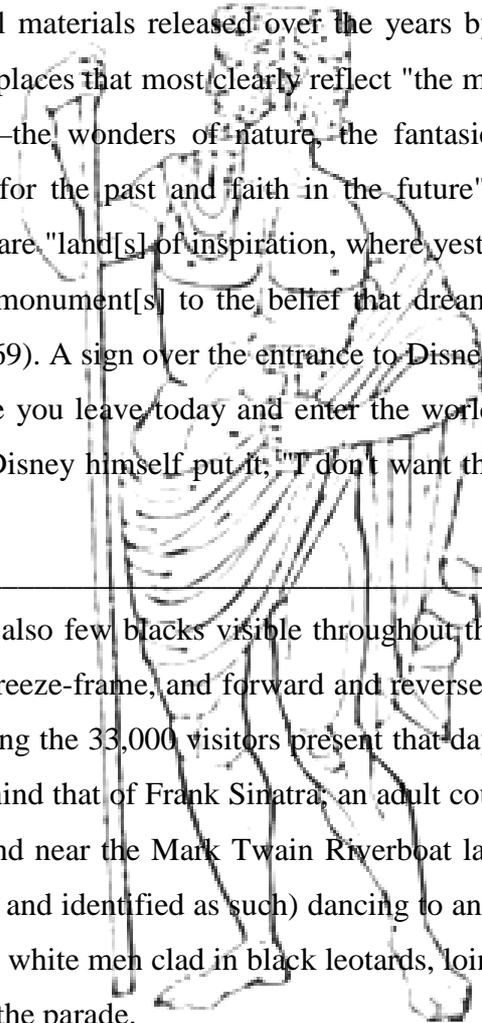
Gov. Knight's brief remarks contain no fewer than nine references to "America," "American"(s), "Americanism," "this country," and "this flag," further reminding his audience—lest we forget—that this country is "God-fearing" and "God-loving." The denominations which might otherwise divide us but which had united on this favored undertaking were not Protestant, Catholic, and Jewish, but Capital and Labor, united under the belief that ours is a godly nation. Thus are the Holy Trinity of God, Country, and the Free Enterprise System enshrined in Disneyland. We Americans are "the fortunate ones," he says, the Chosen People, and through Disneyland we share our divine favor with missionary zeal, extending "to everyone everywhere the great ideals of Americanism."

After the raising of the flag, the parade up Main Street began, led by a Color Guard of the four armed forces and the U.S. Marine Corps Band. Among the dignitaries featured in the parade was yet another state governor, Frank Clement of Tennessee. Following on horseback were actors Fess Parker and Buddy Ebsen, in their buckskin costumes as Davy Crockett and George Russell, mythic American heroes created by Disney, based loosely on history. The only Native Americans represented in the festivities were a fake band of dancing Indians portrayed by Boy Scouts of America (the Orange Empire Council).^{*} When the parade later reached the entrance to Tomorrowland, another group of Scouts was on hand. Amidst the flags of the 48 states, an Eagle Scout band played. "These boys," beamed the narrator, "represent the citizens of the future"—acolytes of the faith today, full-fledged communicants of the faith tomorrow.

The overt religious and patriotic expression celebrating the opening of this amusement park is intriguing, even astonishing. The corporate economy is presumably one of the most secularized sectors of modern society, and we would hardly expect such goings-on at the ribbon-cutting ceremonies for a new Safeway, GM plant, or—least of all—Wet 'n Wild Water

Park. But Disneyland was—and is—different. Gov. Knight called it a "community . . . just like your hometown." It was not, of course, a community in the usual sense of the term, but it did—and does—seek to symbolize and celebrate valued aspects of our national community, and from Day One seems to have taken itself very seriously in the effort. Inasmuch as religion may be understood in part as a "metaphor that is meant" (Bateson 1972), for Walt Disney his Disneyland was very much a "metaphor that was meant."

According to promotional materials released over the years by the Disney corporation, The Magic Kingdoms are the places that most clearly reflect "the man Walt Disney and the things he held to be of value—the wonders of nature, the fantasies of childhood, the spirit of America, with nostalgia for the past and faith in the future" ("The Magic of Walt Disney World" 1972). The parks are "land[s] of inspiration, where yesterday still lives, and tomorrow is already here," "living monument[s] to the belief that dreams really do come true" ("The Magic of Disneyland" 1969). A sign over the entrance to Disneyland announces to the visitors entering beneath it, "Here you leave today and enter the world of yesterday, tomorrow, and fantasy."** Or, as Walt Disney himself put it: "I don't want the public to see the world they live in while



*Incidentally, there were also few blacks visible throughout the televised proceedings. Even with repeated viewings, freeze-frame, and forward and reverse scan of the videotape, I could find only five blacks among the 33,000 visitors present that day: Sammy Davis, Jr., driving a miniature Autopia car behind that of Frank Sinatra; an adult couple in the crowd watching the parade on Main Street; and near the Mark Twain Riverboat landing, a young black boy and Aunt Jemima (in costume and identified as such) dancing to an all-white Dixieland jazz band. This does not include five white men clad in black leotards, loincloths, and feathers, posing as Adventureland natives in the parade.

**Cf. Moore (1980:209): "The pilgrims leave their homes; their journey to the pilgrimage center is one long separation from their ordinary lives. They enter the sacred precincts . . ."

they're in the Park. I want them to feel they're in another world" (Walt Disney World: The First Decade 1982:17). The profane world of the here and now, the routine, the ordinary, is

thus temporarily supplanted by the wonder-filled, awe-inspiring, other-world of the sacred, the set-apart.

The lands within the Magic Kingdoms symbolize significant historical periods of the American experience and significant aspects of the national imagination. Main Street, U.S.A., and Town Square are utopian idealizations of Disney's Midwestern, turn-of-the-century, small-town past, presenting the old days better than the good old days ever were. They evoke the era not only when one form of community was dominant in the U.S.—the small town (Moore 211), but also when one religious-ethnic group was still culturally dominant in the nation—the white, Anglo-Saxon Protestants.

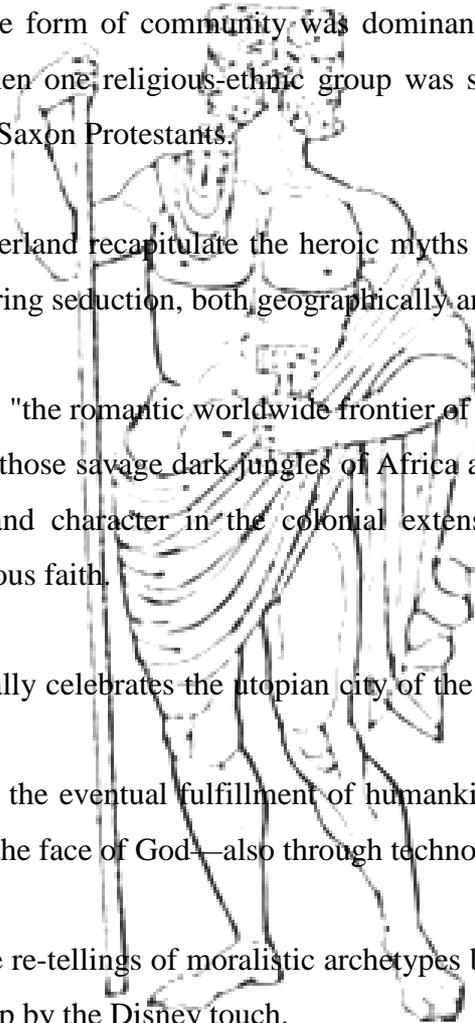
Liberty Square and Frontierland recapitulate the heroic myths of American history: the birth of the nation and the enduring seduction, both geographically and psychically, of the frontier.

Adventureland symbolizes "the romantic worldwide frontier of the West since the seventeenth century" (Moore, p. 212), those savage dark jungles of Africa and Asia once considered to be testing grounds of will and character in the colonial extensions of Western civilization, imperial power, and religious faith.

Tomorrowland optimistically celebrates the utopian city of the future, whose salvation lies in corporate technology, and envisions the eventual fulfillment of humankind's longings to reach far into the heavens, and to touch the face of God—also through technology.

Fantasyland attractions are re-tellings of moralistic archetypes borrowed from old Europe, but Americanized and joked-up by the Disney touch.

Each land in its own way seeks to bring together visitors to experience and participate in commonly shared American myths and narratives. Many elements of the Disney theme parks could be analyzed as to their contributions to the civil religion, but two attractions in particular stand markedly above the rest as patriotic shrines—the Hall of Presidents, in



Liberty Square, the Magic Kingdom, and The American Adventure, the American pavilion in World Showcase, EPCOT.

The Hall of Presidents

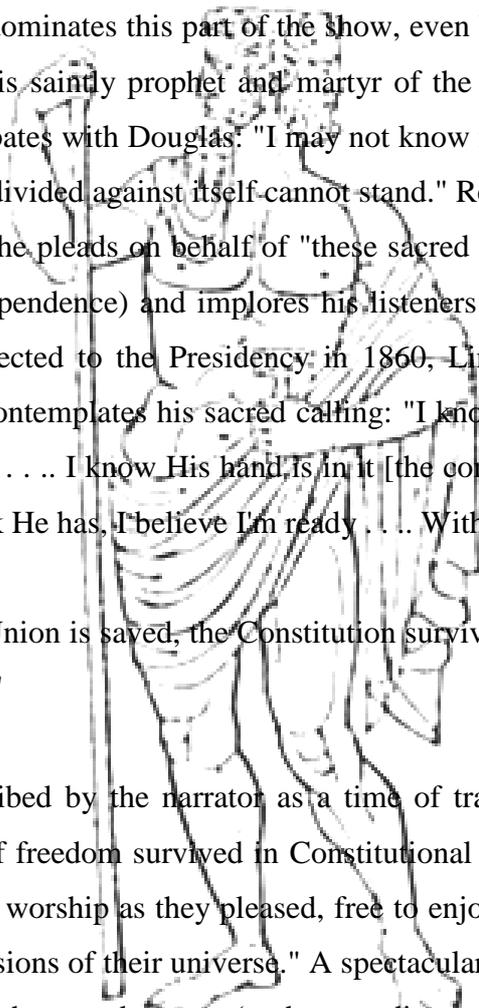
In the heart of the Magic Kingdom is Liberty Square, evoking the Spirit of 1776—the Thirteen Colonies on the Eve of Independence. Rising proudly from the village green is the mighty Liberty Oak Tree, strung with thirteen lanterns representing the colonies. The original Liberty Tree, after which it is modeled, was christened so in Boston in 1765, when patriots calling themselves "Sons of Liberty" gathered beneath it to protest the Stamp Act; it became a living symbol of the freedoms of speech and assembly. In a daily ceremony designed to impress young visitors with the responsibilities and privileges of American citizenship, a boy and a girl are chosen to be honorary sons and daughters of the Republic. They each receive a copy of the U.S. Constitution rolled into a ribboned scroll, march through the Square with the fife and drum corps, and "take home a feeling of participation and personal pride in our American heritage" ("The Magic of Walt Disney World").

In the heart of Liberty Square, its steeple dominating the Square's skyline, stands the Hall of Presidents theater, built in a style reminiscent of Independence Hall in Philadelphia. In the lobby of the theater attendants in colonial dress direct visitors' attention to paintings in the eighteenth-century style depicting scenes of colonial America and the Constitutional Convention. Once visitors have been ushered into the theater and seated, these same paintings are projected across a huge screen as music, narration, dialogue, and sound effects bring them to life. The entire 22-minute production, featuring Audio-Animatronic technology, celebrates American heritage and the Constitution, our sacred history and scripture. The pageant, entitled "One Nation Under God," "leaves no guest unmoved" (in the words of the official souvenir book).

The lights go down, and a trumpet fanfare announces the pageant has begun. A chorus chants in unison the Preamble to the Constitution: "We, the people of the United States . . . do ordain and establish this Constitution for the United States of America." "These immortal words," intones the narrator, "proclaimed . . . the American dream . . . This is the drama of a new

concept of freedom, of the inspired code of law creating that freedom." The sound and slide show then recounts the Constitutional Convention and the signing of the Constitution, interspersed with wise advice from George Washington and Benjamin Franklin. The narrator reminds the audience that the dream was "not to be had without cost," however, and challenges to the Union, from the Whiskey Rebellion to the Civil War, are briefly dramatized.

The character of Lincoln dominates this part of the show, even before his Audio-Animatronic likeness is introduced. This saintly prophet and martyr of the civil religion is first heard in remarks from his 1858 debates with Douglas: "I may not know much, but I think I know right from wrong . . . A house divided against itself cannot stand." Reverential music slowly builds behind Lincoln's voice as he pleads on behalf of "these sacred principles" (the truths that are in the Declaration of Independence) and implores his listeners not to destroy this "immortal emblem of humanity." Elected to the Presidency in 1860, Lincoln foresees the impending tragedy of civil war and contemplates his sacred calling: "I know there is a God, and that He hates injustice and slavery . . . I know His hand is in it [the coming storm]. If He has a place or work for me, and I think He has, I believe I'm ready . . . With God's help, I shall not fail."



Civil war comes, but the Union is saved, the Constitution survives, and America is again "one nation finally and forever."

The next century is described by the narrator as a time of transition and progress, but the fundamental philosophy of freedom survived in Constitutional guarantees under which "men were free to speak, free to worship as they pleased, free to enjoy the fruits of their labor, and free to explore new dimensions of their universe." A spectacular NASA rocket launch fills the screens and thunders from the sound system (perhaps to distract the spectator from wondering exactly where those last two freedoms are to be found in the Bill of Rights).

Then the unseen narrator reminds the audience of the necessity of keeping the true faith: "If a free world is to endure, then the principles of self-government must be perpetuated. The Constitution is the rock [of Ages?], and the leaders of tomorrow must be as dedicated to its preservation as were the leaders of yesterday, as *are* the leaders of today."*

There is another trumpet fanfare, and the curtains part to reveal all 40 Presidents of the United States together on one enormous stage—in life-size and life-like Audio-Animatronic form. Lest the audience think this to be a mere sideshow to gawk at, the narrator invites respect, even reverence. "Let us pay homage," he says, "to the immortal men whose illustrious names have been indelibly inscribed on history's roll of honor."

The soundtrack softly plays "Hail to the Chief" as each Chief Executive is spotlighted and introduced; each figure acknowledges the announcement of his name with a gesture or nod modest enough not to interfere with the reverential solemnity of the proceedings. "From these men," the narrator continues, "the free world may take new inspiration and hope . . . and new wisdom from old words of prophecy."

*I am puzzled and intrigued by the unmistakable vocalized emphasis of the present tense in this last clause. What does it mean to emphasize the dedication of *today's* leaders over that of past and future leaders? Was this emphasis present in the narration even before Ronald Reagan's election to the Presidency, or does it represent a Disney favoritism toward an ideological colleague and old friend?

Lincoln rises to speak, his words assembled from six of his speeches:

This government must be preserved in spite of the acts of any man or set of men. Nowhere in the world is presented a government of so much liberty and equality. [Our bulwark of liberty and independence, our reliance against tyranny lies not in military might or geographical isolation, but in] the love of liberty which God has planted in us. Our defense is in the spirit which prizes liberty as the heritage of all men. [Similarly, our greatest threat is from within.] Surely God would not have created such a being as man with the ability to grasp the Infinite, to exist only for a day. No, no, man was made for immortality.

A choir joins the orchestral music that has been playing under Lincoln's speech, and both swell in a magnificent rendering of one verse and chorus of the "Battle Hymn of the Republic." The heavens themselves proclaim the glory of America as the sky behind the Capitol backdrop transforms its stars and clouds into an American flag, and the choir sings, "Glory, glory, Hallelujah!" The curtains close, and the congregation bursts into applause, sincerely and on cue.

A reporter for *The New York Times* recognized the significance of the Hall of Presidents as an American shrine during the Bicentennial, and surveyed reactions to it:

[The Hall of Presidents] is a permanent movie set designed to function as a shrine. . . . Americans sit reverentially through a 23-minute show . . . which has vaguely liturgical overtones, including a sermon by the Lincoln robot. . . .

In an afternoon and evening of interviews . . . with tourists who had just seen the show, there was not a single person who declared it to be anything other than inspiring. "Goose-pimply," was the way one woman described her reaction. "It really got to me," [said another]. "It makes you stop and think."

It made him think, [he] said, how lucky he was to be an American. (*The New York Times*, March 16, 1976, p.25)

The Hall of Presidents thus qualifies as a shrine of American civil religion on many counts: the title of its presentation ("One Nation Under God"), the recurrent religious references ("God," "Divine Providence," "sacred principles," "freedom to worship," "words of prophecy," the "Battle Hymn of the Republic"), the citation of wisdom from Founding Fathers Washington and Franklin, the unquestionable centrality of the figure of Lincoln, the theme of the Civil War as a time of trial, the sacredness of the Constitution and the Declaration of Independence, the emphasis on the virtues of liberty and equality, the repeated emphasis on the importance of national unity ("One Nation Under God," "We, the people," challenges to the Union, "a house divided against itself," "one nation finally and forever," "dedicated to its preservation," and "this government must be preserved"), and the seemingly genuine emotions evoked in those who experience the

presentation. It serves to draw Americans together and to renew their faith in the ideals of Americanism.

The American Adventure

The American Adventure, host pavilion to all other countries represented in World Showcase, EPCOT, differs significantly and tellingly from all the other countries' pavilions: the American Adventure alone celebrates a national identity, ideology, and ethos. Whereas other nations' pavilions celebrate scenery, music, architecture, food, culture, and commerce, America's pavilion is dedicated to the glories of our American Way of Life—our mytho-historical past, our guiding spirit, our civic ideals. Whereas other nations' pavilions are shrines to commerce and tourism, the American Adventure is a shrine to the American civil religion. Its mission and purpose go beyond the hope and expectation its visitors will be entertained: "Entertained, surely, say the Disney people. But informed and encouraged as well; even *inspired*" (emphasis added) (Beard 1982:139).

The goal of the pavilion's architect was "to make the visitor feel at home while conveying a sense of grandeur . . . to give the impression that this is America's mansion" (Beard, p.139). Although the pavilion's design was originally envisioned as a sleek contemporary edifice, it gradually metamorphosed into a colonial-style building more akin to Liberty Square. Evidently, national shrines commemorating the Spirit of '76 must evoke Benjamin Franklin, not LeCorbusier.

Visitors entering the pavilion gather in a large rotunda. While waiting to enter the theater, they are entertained by a young band of singers clad in costumes ranging from New England colonial to antebellum aristocratic, singing traditional folk tunes such as "Turkey in the Straw," and closing with the obligatory "Dixie" and "Battle Hymn of the Republic." These last two songs never fail to rouse an especially enthusiastic response.

Once visitors are ushered into the theater and seated, they may ponder the twelve life-size realistic statues flanking the huge stage. These figures are called the Spirits of America (the Twelve Apostles of Americanism?), each embodying a revered attribute of the civil religion--e.g., a Pilgrim symbolizes the Spirit of Freedom, a cowboy the Spirit of Individualism, a Minuteman the Spirit of Independence.*

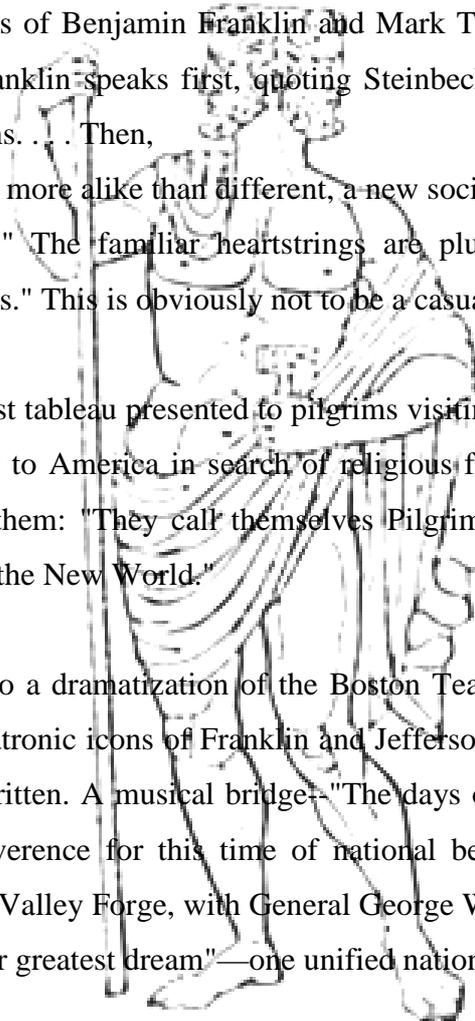
As the lights fade and the show begins, the two hosts for the 29-minute presentation appear—Audio Animatronic figures of Benjamin Franklin and Mark Twain, each a prophet and folk hero in his own right. Franklin speaks first, quoting Steinbeck: "We built America and the process made us Americans. . . . Then, in a little time, we became more alike than different, a new society, not great, but fitted by our very faults for greatness." The familiar heartstrings are plucked right away—"we" . . . "Americans" . . . "greatness." This is obviously not to be a casual travelogue.

It seems fitting that the first tableau presented to pilgrims visiting this American shrine recalls our first Pilgrims, coming to America in search of religious freedom. A sea chantey on the soundtrack immortalizes them: "They call themselves Pilgrims, these poor wretched souls, with a dream to be free in the New World."

The scene fades quickly to a dramatization of the Boston Tea Party, then to a conversation between the Audio-Animatronic icons of Franklin and Jefferson, who recites the Preamble to the Constitution he has written. A musical bridge—"The days of '76, my boys, we ever must revere"—urges proper reverence for this time of national beginnings, then introduces the wintry bleak battlefield at Valley Forge, with General George Washington keeping silent vigil over his men and over "our greatest dream"—one unified nation.

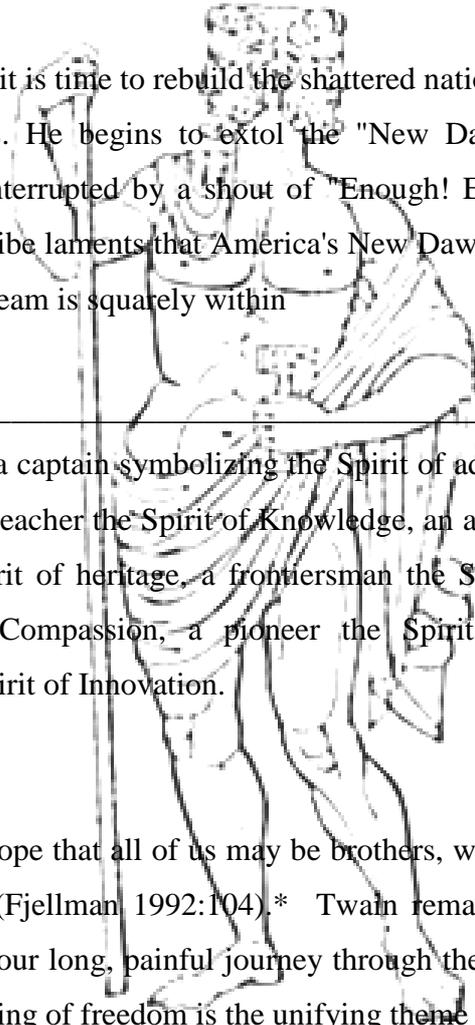
The victory won and the dream realized, America is on the move—"Westward bound . . . to new frontiers,"

proclaims Mark Twain. Twain then exercises his role as prophet, more in sorrow than in righteous indignation "We still had some things to learn the hard way. It seems a whole bunch of folks found out 'We the People' didn't yet mean all the people . . . folks like Frederick Douglass." Douglass is seen floating down the Mississippi on a raft, hearing not the frogs and



crickets, he says, but "the noise of chains and the crack of the whip." Nevertheless, his soliloquy is not bitter, and hardly threatening to whites, for "yet there is hope . . . hope born from the words of Harriet Beecher Stowe" (i.e., Uncle Tom's Cabin). This contradiction in the American Dream is next symbolized by a family torn asunder by the Civil War—one son joining the Union Army, the other the Confederate. The pain of this time of great trial in American history is expressed in a plaintive folk song, "Two Brothers," and in a series of Civil War photographs by Matthew Brady.

The war over, Twain says it is time to rebuild the shattered nation, with the help of all the new immigrants to our shores. He begins to extol the "New Dawn coming to the American Adventure" when he is interrupted by a shout of "Enough! Enough of your words!" Chief Joseph of the Nez Perce tribe laments that America's New Dawn is also the "Final Sunset" for his people. Even so, his dream is squarely within



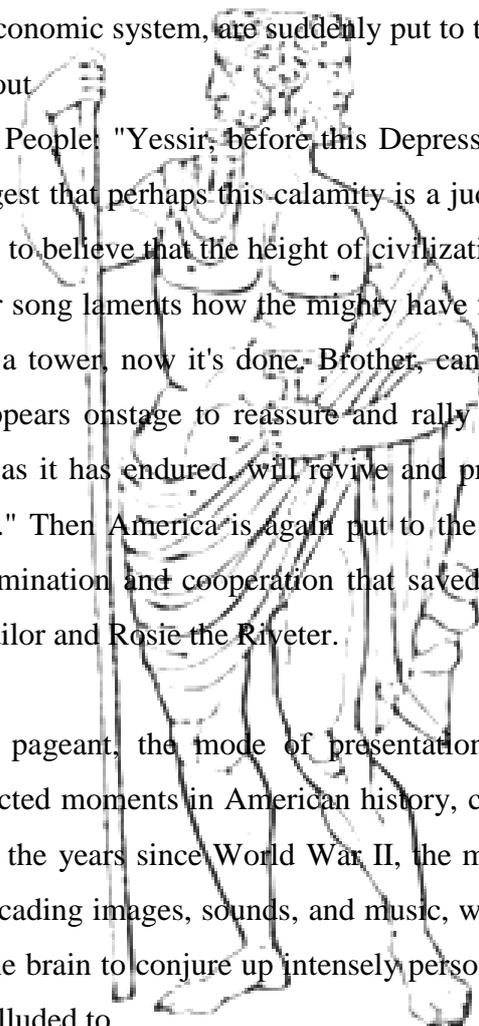
* Also displayed are: a sea captain symbolizing the Spirit of adventure, a farmer the Spirit of Self-Reliance, a (female) teacher the Spirit of Knowledge, an aviator the Spirit of Pioneering, an Indian maiden the spirit of heritage, a frontiersman the Spirit of Discovery, a (female) physician the spirit of Compassion, a pioneer the Spirit of Tomorrow, and George Washington Carver the Spirit of Innovation.

the American Dream: "I hope that all of us may be brothers, with one country around us, and one government for all" (Fjellman 1992:104).* Twain remarks that Chief Joseph's words "remind us once again of our long, painful journey through the frontiers of human liberty"—which is to say, the unfolding of freedom is the unifying theme of our holy history as a nation.

A tableau of the 1876 Centennial celebration in Philadelphia's Exposition Hall pays homage on the one hand to Susan B. Anthony demanding justice and equality for women, and on the other to Alexander Graham Bell, Thomas Edison, and Andrew Carnegie parading new inventions--the light bulb, the phonograph, the telephone, the Otis elevator, the airplane. (For what it's worth, justice and equality are afforded 24 seconds of show time here, progress and

inventions, 80 seconds.) Next, Teddy Roosevelt and naturalist John Muir articulate the debate of progress versus the natural environment. America's experience of World War I is reduced to filmed footage of a simulated aerial dogfight between hero Eddie Rickenbacker and a German ace. A newsreel montage then celebrates Lindbergh's solo flight across the Atlantic.

The frantic pace is abruptly slowed by a sobering radio announcement of the Wall Street crash of 1929, which "tarnished the golden dreams of millions." America's unflagging optimism, its belief in itself and in its economic system, are suddenly put to the test by the Depression. Will Rogers wonders aloud about the fate of God's Chosen People: "Yessir, before this Depression we sure had God's special blessing." His words suggest that perhaps this calamity is a judgment against America for its materialism: "We'd begun to believe that the height of civilization was an automobile, a radio, and a bathtub." A popular song laments how the mighty have fallen: "Once I built a tower to the sun . . . Once I built a tower, now it's done. Brother, can you spare a dime?" President Franklin D. Roosevelt appears onstage to reassure and rally the spirit of the nation: "This great nation will endure, as it has endured, will revive and prosper . . . The only thing we have to fear is fear itself." Then America is again put to the test by yet another challenge, World War II. The determination and cooperation that saved the nation is dramatized in a conversation between a sailor and Rosie the Riveter.



Up to this point in the pageant, the mode of presentation has been linear narrative—dramatized scenes of selected moments in American history, chronologically arranged. From this point on, in covering the years since World War II, the mode of presentation shifts to a multimedia mosaic of cascading images, sounds, and music, which—when combined—invite the right hemisphere of the brain to conjure up intensely personal memories of and responses to the events and people alluded to.

The official guidebook to EPCOT describes this part of the program:

We see a vast sky, alive with vaporous colored clouds. As in a daydream, the clouds begin to assume shapes.

[T]he shapes take form, become pictures of memorable moments: Jackie Robinson sliding into second base; Marilyn Monroe [and Bob Hope] entertaining the troops in Korea;

Albert Einstein; [Walt Disney, appropriately sandwiched between Norman Rockwell, popular illustrator of Americana, and John Wayne, superpatriotic cinematic icon;] John Kennedy

addressing a crowd ("Ask not what your country can do for you . . ."); the Peace Corps; Martin Luther King ("I have a dream . . ."); Joan Baez at Woodstock. An astronaut plants the American flag on the moon. (Beard, p.163)

Accompanying this visual kaleidoscope is a song, "Golden Dream," which begins as a ballad, but swells into a choral and orchestral anthem: "America, spread your golden wings,/ Sail on freedom's wind 'cross the sky . . . / Restless one, in a world of change,/ Keeping dreams aloft in the rain. . . / America, you must keep dreaming now, / Dreaming the promise now of your pioneers./ America, keep on flying now,/ Keep your spirits free, facing new frontiers. . ."

* Fjellman points out that this line is not from the real Chief Joseph, but is pure Disney invention.

The overall effect is powerful; a participant observer may note many faces in the audience smiling through tears and sniffles, registering simultaneous feelings of pride and humility, joy and sadness, on recalling these memories. The experience is communal: strong emotions are elicited from individual memories, but united in a collective response to a shared recent past. The responses surely qualify as religious—the feelings of individual transcendence shared in a collective effervescence of emotion.

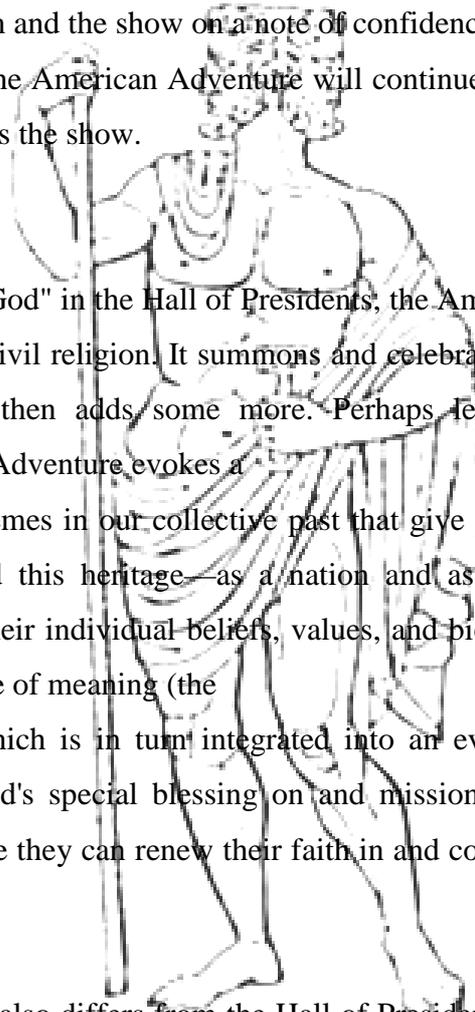
The torch of freedom, held up by the Statue of Liberty, rises at center stage, and Ben Franklin and Mark Twain stand on its platform. Franklin beams with pride (if an Audio-Animatron can so emote), pointing out that the Constitution has withstood the rigors of time, praising his fellow Founding Fathers as "visionaries,"

and beckoning Twain to "look at what we've accomplished" as a nation. Twain tempers Franklin's optimism with a warning from John Steinbeck: "We now face the danger which in the past has been the most destructive to the human: success, plenty, comfort, and ever-increasing leisure. No dynamic people has ever survived these dangers." (One has to wonder how this prophetic warning is received by an audience sitting in air-conditioned, foam-cushioned comfort, enjoying its leisure time in the heart of the nation's vacation land, having spent at least \$34 plus tax to be admitted to this park.) Franklin concludes the conversation and the show on a note of confidence and hope, foreseeing that the promise of America and the American Adventure will continue a long, long time. A finale of "Golden Dream" concludes the show.

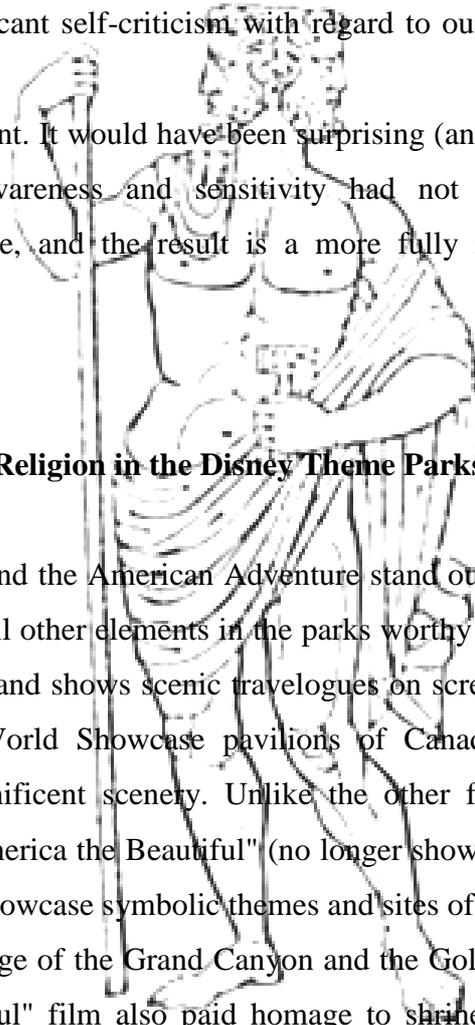
Applause. Lights up.

Like "One Nation Under God" in the Hall of Presidents, the American Adventure presentation qualifies as a pageant of civil religion. It summons and celebrates the same themes, symbols, events, and personages, then adds some more. Perhaps less didactic than the Hall of Presidents, the American Adventure evokes a sacred history, finding themes in our collective past that give purpose and meaning to being American. Having shared this heritage—as a nation and as an audience—binds together pilgrims to this shrine. Their individual beliefs, values, and biographies are integrated into a larger history and structure of meaning (the American Adventure), which is in turn integrated into an even larger cosmic history and structure of meaning (God's special blessing on and mission for America). Through such collective ritual experience they can renew their faith in and commitment to the unity of their nation and its ideals.

The American Adventure also differs from the Hall of Presidents in the prominence afforded the prophetic strain of civil religion. The priestly mode—celebrative, supportive, and uncritical of all that is American—is obvious in both presentations. The prophetic mode—invoking the highest universal ideals of Americanism in critical judgment on national sins and shortcomings—is far more apparent in the American Adventure than in the Hall of Presidents. The attention given Frederick Douglass, Chief Joseph, Susan B.



Anthony, John Muir, the Depression, Martin Luther King, Joan Baez, and the critical quotes from John Steinbeck, demonstrate that Americanism can truly be a civil *religion*, respecting an authority and judgment above and beyond that of the nation. Perhaps the reason for this difference in emphasis lies in the dates of creation for the two presentations. The Hall of Presidents program grew from the "Great Moments with Mr. Lincoln" presentation at the 1964-65 New York World's Fair, while the American Adventure opened with EPCOT in October 1982. American society had undergone great changes in that interim, provoking significant self-criticism with regard to our treatment of blacks, women, Native Americans, and the natural environment. It would have been surprising (and unforgivable) if the resulting increases in national awareness and sensitivity had not been apparent in the latter presentation. But they are, and the result is a more fully rounded recapitulation of the American experience.



Other Elements of Civil Religion in the Disney Theme Parks

If the Hall of Presidents and the American Adventure stand out particularly as exhibitions of civil religion, there are still other elements in the parks worthy of mention. The Circle-Vision 360 theater in Tomorrowland shows scenic travelogues on screens surrounding the audience. Like the films in the World Showcase pavilions of Canada, France, and China, these travelogues contain magnificent scenery. Unlike the other films, however, the American travelogues—entitled "America the Beautiful" (no longer showing) and "American Journeys" (the current film)—also showcase symbolic themes and sites of civil religion. In addition to beautiful footage of the Grand Canyon and the Golden Gate Bridge, for example, the "America the Beautiful" film also paid homage to shrines in Washington, D.C., (the Washington Monument, the Lincoln Memorial, and Arlington National Cemetery), the Statue of Liberty, and military academies of the armed forces. Narration emphasized the patriotic significance of these sites. The soundtrack music reinforced the message with strains of "America the Beautiful"—"America, America, God shed His grace on thee" In addition to similar travelogue scenery, "American Journeys" emphasizes our national unity even as it acknowledges ethnic and cultural diversity—"All Americans have shared a common dream . .

.. We are a nation of nations . . . We all share a common love for this land we call . . . America," as strains of "God Bless America" swell on the soundtrack (Fjellman 1992:99). Thus are mere travelogues transformed into inspirational experiences.

Disney's public relations operatives miss no opportunity to join the respective histories of the Disney parks and the United States of America through shared celebrations. The highest holy day of American civil religion is Independence Day, the Fourth of July, and the Disney parks have seized the occasion to yoke their fortunes with America's. Network television regularly features a "Disney's All-Star Fourth of July Spectacular" beamed from Disneyland and Disney World, inviting us to "Celebrate the Spirit!" The 1992 celebration opened with host John Ritter admonishing the crowds in the parks to "Keep those flags waving, because tonight we are celebrating the year-long 20th anniversary of Disney World and 216 years of American freedom!" The festivities closed with a special benediction from President George Bush: "Happy Fourth, and may God continue to bless our great land" (NBC-TV telecast, July 4, 1992).

Disney Chairman of the Board and CEO Michael Eisner has strengthened these interrelationships between Disney and Americanism in his role as a founding member of the board of the Points of Light Foundation (established by President Bush to honor volunteerism). In this capacity, in September 1991 Eisner welcomed President and Mrs. Bush and Points of Light recipients to EPCOT to celebrate the "grand spirit of American volunteerism"—and, not so coincidentally, the 20th anniversary of Walt Disney World. The joint celebration featured many flags, fireworks, an Air Force color guard, the "Star-Spangled Banner" as sung by Sandi Patti ("honored by Billboard magazine as Inspirational Artist of the Year for four years in a row"), EPCOT's own Voices of Liberty singing "America's Song," and an address by President Bush:

We celebrate the American spirit, the greatest national resource of this, the greatest nation in the entire world. [Applause] . . . May God bless you and may God bless the United States of America!

(The Disney Channel telecast, Sept. 30, 1991)

The U.S. Bicentennial observances in 1976 presented special opportunities for Disneyfication. For the celebrations, the Disney parks--in cooperation with the official U.S. Bicentennial Commission—created "America on Parade," a patriotic extravaganza honoring the United States. Between June 1975 and September 1976 the parade/pageant was presented at Disneyland and Disney World more than 1200

times, and was seen by an estimated 25 million people. (In addition, books, records, and television spread the pageant to many more.) Each parade consisted of 50 units depicting milestones and important institutions in American history, from Columbus's discovery of the New World through the establishment of the national government to space exploration. The parade kicked off with Mickey, Donald, and Goofy as Revolutionary soldiers carrying flag, fife, and drum, and ended with a spectacular fireworks display and a circus train proclaiming America to be "the Greatest Show on Earth."

In October 1986 Disney World invited some 10,000 media people and their guests to celebrate (at Disney's expense) two birthday parties—Disney World's 15th and the U.S. Constitution's 200th. Chief among the invited guests was Warren Burger, the Chairman of the Bicentennial of the United States Constitution Commission (and former Chief Justice of the Supreme Court), who toured the park and volunteered that he saw nothing inappropriate in celebrating the Constitution alongside Mickey and Goofy: "This is obviously a patriotic and history-minded enterprise." As CBS News correspondent Bruce Morton observed:

Purists can grumble that freedom's finest piece of paper shouldn't cavort with giant mice, that the whole affair is, well, goofy, but they're probably wrong. If Mickey Mouse isn't a Yankee Doodle Dandy, who is? You can't get any more all-American than he. Mickey and Minnie and Donald and the Constitution all having a party . . . only in America! ("CBS Evening News with Dan Rather," Oct. 3, 1986)

Daily events in the Disney parks also celebrate Americanism. Even a routine parade honoring Mickey Mouse ends with a fireworks display during which crowds are urged by anonymous loudspeaker voices to join piped-in choruses singing "America the Beautiful." There is a daily

Flag Retreat Ceremony late afternoons in Town Square. As the American flag is lowered, the park band plays the National Anthem, and homing pigeons symbolizing doves of peace are released into the skies over the park.

The Disney people take pride not only in presenting celebrations of Americanism, but also in welcoming prominent political representatives of America in their pilgrimages to this national shrine. The official hardback souvenir guidebook to Disney World proudly displays throughout photographs of President Jimmy Carter, Senators Hubert H. Humphrey and Edmund Muskie, Congressman Tip O'Neill, California Governor Goodwin Knight, and Presidential daughters Susan Ford and Julie Nixon Eisenhower in their visits to Disney parks. (Although not pictured, Presidents Harry S. Truman, Richard Nixon, and George Bush also visited the parks—Bush even kicking off his 1988 campaign in Disneyland.) As if acknowledging foreign ambassadors paying homage to our national shrine, the guidebook also commemorates visits by Jordan's King Hussein, Olympic gymnast Nadia Comaneci of Rumania, and the Canadian ambassador to the United States, who was specially honored by Disney World after Canada assisted the escape of six Americans from Iran during the 1979-80 hostage crisis. (In fact, the clamor from foreign VIP's for entry to the Disney parks has required a full-time liaison between the Disney people and the protocol desk of the U.S. State Department.)

A much longer essay could be written simply detailing how various prized virtues of American civil religion are embodied in aspects of the Disney parks. For example, the celebration of optimism, progress, and technology are evident everywhere—but most notably in Tomorrowland (especially the Carousel of Progress) and Future World, EPCOT. Faith in education is prominent in many statements of purpose from Disney representatives. Walt Disney himself said, "Disneyland . . . combines fantasy and history, adventure and learning" ("Walt Disney's Guide to Disneyland" 1958:2) and "[Disneyland] will be . . . a place for teachers and pupils to discover greater ways of understanding and education" (Thomas 1976:246). Walt's brother Roy O. Disney announced at the opening of Walt Disney World: "May Walt Disney World bring Joy and Inspiration and New Knowledge to all who come to this happy place . . . [where all] can laugh and play and learn—together" ("The Story of Walt Disney World" 1971:2). And according to a WED Enterprises Vice President: ". . . Epcot

Center [is] a permanent world's fair of imagination, discovery, education, and exploration Our goal is to inspire the visitors who come here We believe that in a world where cynicism and negativism abound, there is another story, and we have chosen . . . to tell it . . . ("The Story of Walt Disney World" 1971:2). And if cleanliness is next to godliness in the civil religion's moral hierarchy, the Disney parks approach godliness indeed. Employees' costumes are cleaned daily, streets are steam-cleaned nightly (chewing gum is not sold in the parks, in deference to the street and sidewalk cleaners), and in Disney World a network of pneumatic tubes whisks trash away like magic. Disney parks are microcosms of America's noblest notions about itself.

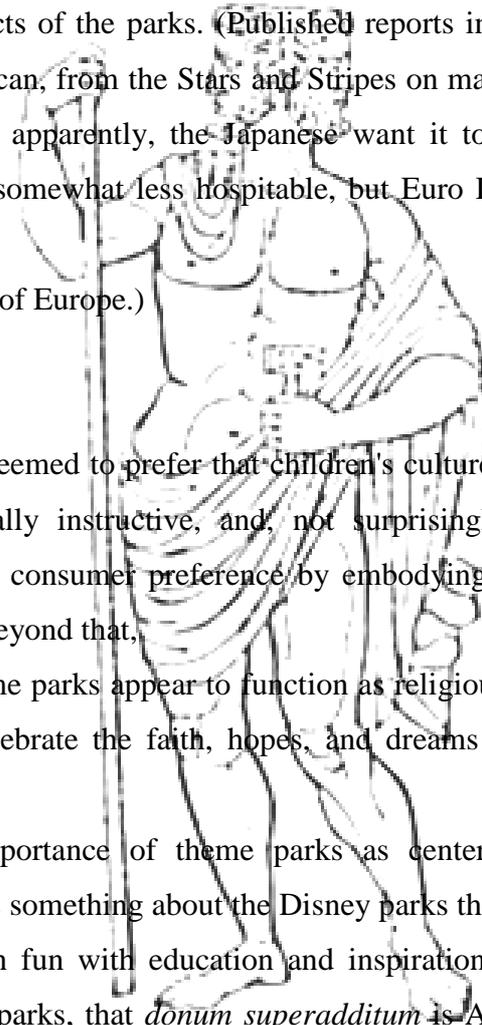
Conclusion

This essay is an inquiry into the elective affinities between the themes and symbols of America's civil religion and the Disney theme parks, investigating the thesis that these parks are in fact shrines of American civil religion. Obviously, I have not argued that Disney imagineers intend to create supernatural experiences, nor that park visitors would claim to have had such experiences there. The conception of religion implicit in this argument is a Durkheimian one, that is, that the way to understand a religion is by its functions, and that the primary function of religious beliefs and practices is to unite into one community all those who adhere to them. Inasmuch as the Disney parks clarify, reaffirm, and reinforce their audience's understandings of themselves as Americans, and brings them together in the process, it performs a religious function. Like any good religious pageant, Disney parks *educate* (teach us what our heritage is), *inspire* (evoke within us an emotional response to it), and *motivate* (encourage us to preserve that heritage and act on its precepts). The particularly sacred character of this civil religion lies in its efforts to ground that integrative function in a higher cosmological order, making us "one nation under God."

This essay defends as plausible the notion that Disney parks are national shrines, but it cannot prove that the parks in fact are so experienced by their visitors. This would require further

empirical inquiry, a careful questioning of visitors whether and how their civil-religious beliefs and attitudes have been affected

by their visit. What personal, social, and demographic variables affect whether and how visitors experience the Disney parks? Why, indeed, do people visit Disney parks in the first place—e.g., is there any feeling of obligation or duty as American parents to take their children there? * It would also be interesting to investigate how non-American visitors—to Disneyland, Disney World, and even Tokyo Disneyland and Euro Disneyland—experience these civil-religious aspects of the parks. (Published reports indicate that Tokyo Disneyland remains resolutely American, from the Stars and Stripes on many flagpoles to the dominance of the English language; apparently, the Japanese want it to be an American experience. French culture has been somewhat less hospitable, but Euro Disneyland surely represents a cultural beachhead of Americanism in the heart of Europe.)



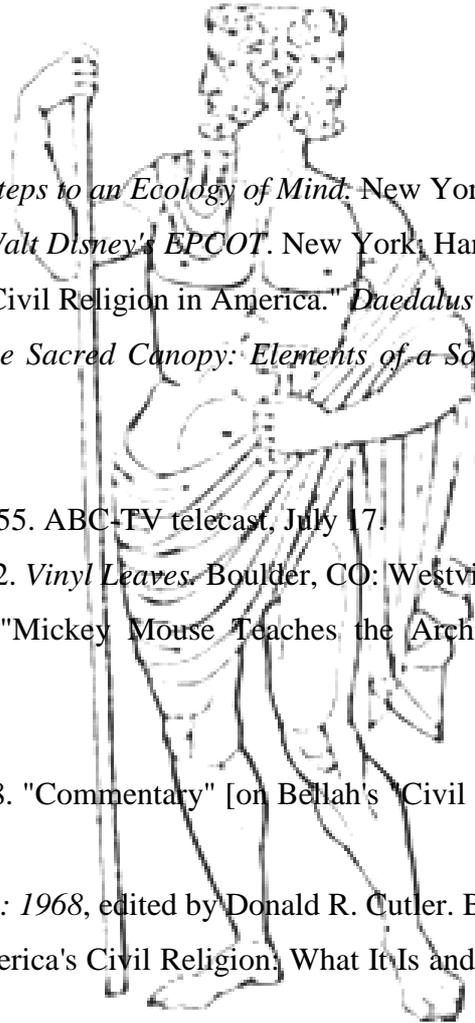
Americans have always seemed to prefer that children's culture—from McGuffey Readers to Mister Rogers—be morally instructive, and, not surprisingly, Disney entertainment has always responded to that consumer preference by embodying and expressing the mores of American culture. Even beyond that, however, the Disney theme parks appear to function as religious shrines, drawing Americans to commemorate and celebrate the faith, hopes, and dreams that bind them together as a nation. Certainly

I do not ignore the importance of theme parks as centers of leisure, recreation, and entertainment, but there is something about the Disney parks that is quintessentially American and seeks to endow even fun with education and inspiration, grounding them in a higher moral order. For Disney parks, that *donum superadditum* is American civil religion. Thus a child's visit to Disneyland or Walt Disney World may be understood, at least in part, as a playful pilgrimage to a shrine of civil religion, a rite of passage in becoming an adult American citizen.

* Having just visited the Hall of Presidents, the father of a 7-year-old told me he believed that all American schoolchildren should be required to visit this exhibit as part of their civics curriculum. I overheard another father of three children, upon exiting the same exhibit, proclaim proudly to his offspring: "This is why we're Republicans!" And Disney television commercials have certainly tried to portray a visit to the parks ("I'm going to Disney World!") as an appropriate act of thanksgiving and celebration for life's victories over adversity.

REFERENCES

- Bateson, Gregory. 1972. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine.
- Beard, Richard R. 1982. *Walt Disney's EPCOT*. New York: Harry N. Abrams.
- Bellah, Robert N. 1967. "Civil Religion in America." *Daedalus* 96(1):1-21.
- Berger, Peter L. 1967. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. Garden City, NY: Doubleday.
- "Dateline Disneyland." 1955. ABC-TV telecast, July 17.
- Fjellman, Stephen M. 1992. *Vinyl Leaves*. Boulder, CO: Westview Press.
- Goldberger, Paul. 1972. "Mickey Mouse Teaches the Architects." *The New York Times Magazine*, Oct. 22:40+.
- Hammond, Phillip E. 1968. "Commentary" [on Bellah's "Civil Religion in America"]. Pp. xx-xx in *The Religious Situation: 1968*, edited by Donald R. Cutler. Boston: Beacon Press.
- Herberg, Will. 1974. "America's Civil Religion: What It Is and Whence It Comes." Pp. 76-88 in *American Civil Religion*, edited by Russell E. Richey and Donald G. Jones. New York: Harper and Row.
- King, Margaret J. 1981. "Disneyland and Walt Disney World: Traditional Values in Futuristic Form." *Journal of Popular Culture* 15(1):116-140.
- "The Magic of Disneyland." 1969. Promotional film, Walt Disney Productions.



"The Magic of Walt Disney World." 1972. Promotional film, Walt Disney Productions.

McGuire, Meredith B. 1981. *Religion: The Social Context*. Belmont, CA: Wadsworth.

Mead, Sidney E. 1974. "The 'Nation with the Soul of a Church.'" Pp. 45-76 in *American Civil Religion*,

edited by Russell E. Richey and Donald G. Jones. New York: Harper and Row.

Moore, Alexander. 1980. "Walt Disney World: Bounded Ritual Space and the Playful Pilgrimage Center."

Anthropological Quarterly 53:xx-xx.

Real, Michael. 1977. *Mass-Meditated Culture*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

"The Story of Walt Disney World." 1971. Souvenir booklet, Walt Disney Productions.

Thomas, Bob. 1976. *Walt Disney: An American Original*. New York: Simon and Schuster.

Walt Disney World: The First Decade. 1982. Souvenir guidebook, Walt Disney Productions.

"Walt Disney's Guide to Disneyland." 1958. Souvenir booklet, Walt Disney Productions.

Warner, W. Lloyd. 1953. *American Life: Dream and Reality*. Chicago: University of Chicago Press.

